



PAULUS

vida pastoral

setembro-outubro de 2023 – ano 64 – número 353



MÊS DA BÍBLIA 2023

CARTA AOS EFÉSIOS

“Vestir-se da nova humanidade!” (Ef 4,24)

A ORAÇÃO COMUNITÁRIA OFICIAL DA IGREJA

A **Liturgia das Horas** é um roteiro de orações, para diferentes momentos do dia, que conserva a conexão com Deus do amanhecer ao anoitecer.

Os momentos de meditação, ou “horas canônicas”, são:

-  Laudes (rezam-se nas primeiras horas da manhã)
-  Vésperas (rezam-se no fim da tarde)
-  Completas (rezam-se antes de dormir)

Para cada uma dessas horas há:



Hinos



Salmos



Cânticos



Leituras



Preces



Orações

Na edição da PAULUS, você encontra todo esse **conteúdo colorido** e organizado para cada dia do mês!

Sendo um assinante, você paga um valor anual (frete incluso) e recebe a publicação, com antecedência, no endereço da sua preferência.

Consagre todo o seu dia a Deus, em comunhão com a Igreja!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
   @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

No tempo em que a carta aos Efésios foi escrita, o Império Romano impunha a mão pesada sobre as populações dominadas, sem nenhuma compaixão. Os efésios viviam sob aquele regime desumano. Por isso, a expressão “vestir-se da nova humanidade” (Ef 4,24) é apelo a um estilo de vida contrário ao imposto pela tirania do imperador. “Não vos comporteis como os pagãos: com suas ideias vãs, com razão obscurecida, afastados da vida de Deus, por sua ignorância e dureza de coração” (Ef 4,17-18).

Vestir-se da nova humanidade é se contrapor às durezas de coração do império e cultivar os afetos. São os afetos que humanizam e edificam a vida. “Sede amáveis e compassivos uns com os outros” (Ef 4,32). Enquanto o palácio se pautava na violência, na força das armas e na ostentação do poder, os efésios deveriam insistir na humanização, na solidariedade e no respeito mútuo. “Quem roubava não roube mais; ao contrário, trabalhe e se afadigue com as próprias mãos para ganhar alguma coisa e estar em condição de socorrer a quem tem necessidade” (Ef 4,28).

Vestir-se da nova humanidade é opor-se à violência do império. Os efésios, “enraizados e alicerçados no amor” (Ef 3,17), são vocacionados à construção de um mundo novo: “com toda a humildade e modéstia, com paciência, suportando-vos mutuamente com amor, esforçando-vos por manter a unidade do espírito com o vínculo da paz” (Ef 4,2-3). Não a *pax romana*, mas a paz que é dom do Ressuscitado (Lc 24,36). Paz que supera o medo, a indiferença e toda espécie de injustiça.

Vestir-se da nova humanidade é não compactuar com os sistemas que disseminam o ódio, a mentira e o preconceito. De acordo com a carta aos Efésios, a comunidade deve ser sinal de lucidez em uma sociedade marcada pelas “obras estéreis das trevas” (Ef 5,11). Cabe aos discípulos e discípulas terem os olhos fixos em Jesus, a fim de não se deixarem enganar

“com discursos vazios” (Ef 5,6). Uma comunidade verdadeiramente comprometida com o Evangelho não se deixa corromper com o fermento da hipocrisia. Conhecendo a verdade, a mente e o coração do discípulo evitam todo e qualquer fanatismo. “Comportai-vos como filhos da luz. Fruto da luz é toda bondade, justiça e verdade” (Ef 5,8-9).

Vestir-se da nova humanidade é comunicar a Boa Notícia, respeitando a diversidade e construindo pontes ao invés de muros. Como ensina o autor da carta aos Efésios, a vocação da comunidade consiste em incluir, agregar ao corpo de Cristo, todos os afastados: “por meio da Boa Notícia, os pagãos compartilham a herança e as promessas de Jesus Cristo e são membros do mesmo corpo. A mim, o último dos consagrados, foi concedida esta graça: anunciar aos pagãos a Boa Notícia, a riqueza insondável do Messias, e iluminar o segredo que Deus, criador do universo, guardava havia séculos” (Ef 3,6.8-9).

Vestir-se da nova humanidade é ter um olhar de esperança para o mundo, ainda que este mundo pareça não ter saída. Esta edição de *Vida Pastoral* é um convite ao leitor para a contemplação e o aprofundamento da cristologia e eclesiologia presentes em Efésios: “Um é o corpo, um o Espírito, assim como uma é a esperança a que fostes chamados” (Ef 4,4).

Nossa missão tem seu fundamento no Evangelho. Para nos contrapormos aos impérios de hoje, nossos rins estejam cingidos com a verdade, estejamos revestidos com a couraça da justiça e calçados com as sandálias da prontidão para o Evangelho da paz (Ef 6,14-15). O Espírito Santo nos guie na missão.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 64 - Nº 353
setembro-outubro de 2023



© PAULUS – 2023
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Darlei Zanon, ssp (mtb 0094255/SP)

Editor

Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Darci Luiz Marin, ssp
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Darlei Zanon, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Imagem da capa

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Philipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão

Alexandre S. Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

NOVA HUMANIDADE EM CRISTO:
ENTENDENDO A CARTA AOS EFÉSIOS 4
Maria Antônia Marques e Shigeyuki Nakanose

EFÉSIOS 2,19: A COMUNIDADE CRISTÃ COMO “ESPAÇO
DE CONCIDADANIA”, ONTEM E HOJE!..... 12
Antônio César Seganfredo e Wellington Barros

A MULHER E SEU PROTAGONISMO NAS PRIMEIRAS
COMUNIDADES CRISTÃS: UMA LEITURA
DE Ef 5,21-33..... 20
Érica Daiane Mauri

BENDITO AQUELE QUE NOS ABENÇOOU
COM TODAS AS BÊNÇÃOS:
UMA LEITURA LITÚRGICO-PASTORAL
DO HINO A CRISTO NA CARTA AOS EFÉSIOS..... 28
Márcio Pimentel e Penha Carpanedo

ROTEIROS HOMILÉTICOS 36
Junior Vasconcelos do Amaral

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 99974-1840

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina (91)
3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01
Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

*Maria Antônia Marques é assessora do Centro Bíblico Verbo e professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).
E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br

**Shigeyuki Nakanose, svd, é assessor do Centro Bíblico Verbo e professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).
E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

NOVA HUMANIDADE EM CRISTO: entendendo a carta aos Efésios

A carta aos Efésios (Ef) foi escrita no fim do século I d.C. e dirigida a várias comunidades cristãs da Ásia Menor (hoje Turquia), região subjugada e explorada pelo Império Romano, movido pelos espíritos do mal – ganância, mentira, injustiça, discriminação, desigualdade, insensibilidade, libertinagem (Ef 4,17-32; 6,10-20). Nesse contexto, a carta exorta os fiéis à prática do Evangelho de Jesus Cristo crucificado (Ef 3,1-21), na luta por uma sociedade solidária e fraterna contra o mal: “Revistam-se do homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade” (Ef 4,24).





“O SOFRIMENTO
AUMENTAVA AINDA MAIS
COM A DOMINAÇÃO
COTIDIANA DO IMPÉRIO
NO AMBIENTE SOCIAL
E CULTURAL DA ÁSIA
MENOR.”



INTRODUÇÃO

A carta aos Efésios, juntamente com Filipenses, Colossenses e Filêmon, é conhecida como “carta do cativo”, por dar a entender que Paulo se encontrava preso (Ef 3,1; 4,1; 6,19-20). Acredita-se que Paulo foi prisioneiro em Roma, entre os anos 61 e 63 d.C., e pode ser que nessa ocasião tenha escrito a carta a seus seguidores e seguidoras da cidade de Éfeso, capital da província romana da Ásia Menor, para instruí-los no projeto (mistério) salvador de Deus e na vida comunitária em Jesus Cristo.

No entanto, uma simples comparação da carta aos Efésios com as cartas protopaulinas (Rm, 1 e 2Cor, Gl, Fl, 1Ts e Fm) possibilita perceber que há grandes diferenças quanto ao estilo, vocabulário, teologia e orientação pastoral, levantando dúvidas sobre a autoria de Paulo.

1. AUTOR, DESTINATÁRIO E DATA

Os estudiosos apontam as seguintes características da carta em estudo:

- Vocabulário: Ef contém 86 termos que não se encontram nas cartas paulinas. Desses, 34 estão ausentes em todos os outros textos do Novo Testamento.
- Colossenses: a carta dirigida à comunidade de Colossas (cidade da Ásia Menor), escrita por um colaborador de Paulo, é a mais parecida com Ef, tanto na forma quanto no conteúdo.
- Judeus e não judeus: Ef não trata do grave conflito entre judeus e não judeus, descrito nas cartas paulinas – por

exemplo, em Filipenses (cf. Fl 3,2) –, o que indica uma realidade do fim do século I d.C.

- Escatologia: Ef não espera a vinda iminente de Cristo, como Paulo acreditava. Essa expectativa tinha enfraquecido, e as comunidades precisavam se organizar e se adaptar para sobreviverem dentro do império (cf. 1 e 2Pd).
- Cartas católicas: Ef tem relações significativas com as cartas católicas (Tg; 1 e 2Pd; 1, 2 e 3Jo; Jd), escritas entre os anos 90 e 110 d.C., bem posteriores ao apóstolo Paulo.
- A menção a Éfeso como destinatário falta em muitos manuscritos importantes de Ef, o que faz pensar em uma carta-circular aos cristãos da Ásia Menor, por volta do ano 90 d.C.

Esses dados são suficientes para afirmar que Paulo não escreveu a carta aos Efésios. Essa carta-circular possivelmente foi enviada a várias comunidades no fim do primeiro século, no contexto de exploração e dominação do Império Romano.

2. CONHECENDO A REALIDADE

O livro do Apocalipse de João, escrito no fim do século I d.C. na Ásia Menor, descreve a exploração econômica da região pelos “mercadores da terra” (o Império Romano). Estes estavam explorando e levando a riqueza da terra para a capital do império: “Carregamento de ouro e prata, de pedras preciosas

[...], vinho e azeite, flor de farinha e trigo, bois e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas” (Ap 18,12-13).

O último trecho – “cavalos e carros, escravos e vidas humanas” – aponta e simboliza o regime econômico e político do Império Romano: uma sociedade escravagista, controlada por um exército poderoso e violento (Ap 6,1-8). A dominação começa com a terra: a maioria das terras da Ásia Menor pertencia ao império, o que gerava a cobrança sistemática de impostos e o monopólio do comércio (Ap 13,11-18).

A maioria da população local estava submetida à escravidão, decorrente da exigência de impostos, do comércio abusivo e das várias formas de violência. O duro trabalho nas fazendas (“ovelhas”), nas minas (“prata”, “pedras preciosas”) e nas fábricas (carroças e carros puxados por cavalos) enfraquecia e empobrecia o povo. O sofrimento aumentava ainda mais com a dominação cotidiana do império no ambiente social e cultural da Ásia Menor, subjugação que se manifestava com as seguintes características:

- a) *O patronato*. O sistema de patronato, ou clientelismo, funcionava como uma pirâmide e era marcado pela “troca” de favores entre as pessoas, criando verdadeira teia de influência e poder. Quando o patrono rico favorecia o cliente que tinha menor poder ou riqueza, essa prática gerava dependência e submissão, porque a pessoa mais pobre se sentia grata e devedora de favores ao poderoso. O patronato permeava todas as relações dos membros da “família”: marido e esposa, pai e filho, patrão e escravo etc. (Ef 5,21-6,9). O imperador, denominado *pater patriae*, era a figura máxima da sociedade patronal. Ele controlava e submetia toda a população conquistada pelo Império Romano.
- b) *A helenização*, baseada no dualismo da cultura helenista (Deus e o mundo). O império alimentava o espírito da

helenização ou romanização, marcado pela busca desenfreada de bens, prazer e honra. Tal busca provocava a libertinagem ética e social, que se traduzia em ignorância, insensibilidade, paixão enganadora, mentira, injustiça, difamação, roubo, conflito, violência (Ef 4,17-5,30).

- c) *A religião imperial*. O poder do império era legitimado pela religião oficial. O culto aos imperadores, por exemplo, era celebrado nos templos das cidades da Ásia Menor (Ancira, Pessinunte, Antioquia da Pisídia etc.), fortalecendo o domínio do império mediante o poder e o carisma do imperador, considerado divino. No culto, o evangelho, a “boanovoa” de César Augusto, o senhor do império e da terra, era proclamado, exaltando o império e o imperador por estabelecerem na terra a paz e a salvação: a *pax romana*. O evangelho imperial era oposto ao de Cristo Jesus, por meio do qual Deus Pai revela seu mistério (projeto) de salvação (Ef 1,1-23; 3,1-13).
- d) *O mundo cultural e religioso*. Os membros da Igreja, predominantemente gentios, eram convertidos de um ambiente cultural e religioso helenístico (greco-romano), marcado pelas religiões de mistério, magia, astrologia. Eles acreditavam que os maus espíritos, o diabo, o maligno e os poderes cósmicos habitavam nos céus e manobravam o mundo, os seres humanos e a história, provocando injustiça, violência e morte (Ef 2,1-3; 6,10-20).

O sofrimento do povo conquistado foi acentuado nos anos do reinado de Domício (81-96 d.C.), um imperador arrogante, que exigiu ser chamado de “Senhor e Deus”. Seus últimos anos foram marcados pelo terror (com muitas sentenças de morte, também contra membros da própria família,

e feroz perseguição aos cristãos) e por problemas econômicos, geradores de grande turbulência, exploração e violência contra a população da Ásia Menor.

Era nesse mundo hostil que as comunidades cristãs jovens, recém-separadas do judaísmo (judeu-cristãos expulsos da sinagoga: cf. Jo 9), deviam firmar-se, unir-se e manter sua caminhada, pregando Cristo Jesus crucificado e praticando o amor ao próximo (Ef 3,14-22). Sobretudo os gentios convertidos deviam apropriar-se das virtudes de Cristo, livrando-se de uma vida não cristã, dos vícios e dos maus espíritos. Ademais, por volta do ano 90 d.C., os cristãos já não esperavam uma parúsia iminente (Ef 2,5.8), mas se empenhavam em construir “moradas” neste mundo (Jo 14,23). A preocupação com a solidificação da Igreja e com a estabilidade da família cristã estava em primeiro lugar diante dos problemas do mundo.

3. CONHECENDO OS PROBLEMAS

A carta aos Efésios não faz referência direta a problemas ou a situações concretas de uma comunidade específica. Entretanto, nas entrelinhas do texto, surgem os problemas que um pequeno grupo de comunidades, formadas ao redor da figura de Jesus Cristo na Ásia Menor, enfrentava para manter sua sobrevivência, entre os quais a questão da terra explorada e dominada pelo Império Romano. Ao procurarem viver o amor ao próximo, as comunidades, a exemplo de Jesus Cristo, chocavam-se com os valores do imponente mundo helenizado e hierarquizado em que estavam inseridas.

- a) Como os cristãos podiam acreditar em um Messias crucificado e pregá-lo (Ef 2,16)? Como acreditar que o mais esmagado e desprezado entre os seres humanos era o Filho de Deus, que veio para dar sentido à vida e a um mundo sob o domínio do Império

Romano com seu imperador, considerado Senhor e Deus poderoso? Como os cristãos podiam usar o título “Senhor” para Cristo Jesus, título reservado ao imperador? Qual a posição de Cristo Senhor em relação ao “Deus imperador” e aos poderes cósmicos?

- b) Como a Igreja, oriunda da tradição judaica do povo de Deus (de monoteísmo exclusivo), podia dar, com o Evangelho de Jesus Cristo, o “projeto salvador da graça de Deus” – o “mistério” (Ef 3,2-4) – a todas as nações alcançadas pelo projeto salvador da *pax romana* mediante o evangelho do imperador?
- c) Havia o grupo helenizado, com seu conhecimento – a *gnosis* nas comunidades (Ef 3,19; cf. Cl 2,1-8; 1Jo 2,18-3,24) –, que se interessava apenas por si mesmo, alegando ter uma liberdade superior, e exprimia uma espiritualidade vertical, muitas vezes desvinculada do compromisso social e comunitário.
- d) A maioria dos membros era de não judeus convertidos, mas havia também membros judeus (e antigos tementes a Deus) em seu meio, e o problema da relação entre eles ainda não havia sido resolvido (Ef 2,14). O fluxo dos novos convertidos não judeus nas comunidades criou algumas tensões significativas. Nesse contexto, como resolver a inimizade cultural e econômica para manter a unidade da Igreja?

“OS GENTIOS CONVERTIDOS DEVIAM APROPRIAR-SE DAS VIRTUDES DE CRISTO, LIVRANDO-SE DE UMA VIDA NÃO CRISTÃ, DOS VÍCIOS E DOS MAUS ESPÍRITOS.”

- e) Em uma sociedade escravagista, a posição, a carga e a função social das pessoas eram controladas pelo sistema patrimonial e patriarcal, que tinha o imperador como patrono e Pai e instaurava relações de submissão e desprezo. Como a carta aos Efésios advertiu os membros para o perigo de desprezo e de conflito na Igreja por causa das diferentes funções de cada membro (Ef 4,16)?
- f) No mundo greco-romano, marcado pela helenização, os cristãos, sobretudo os gentios convertidos, encontram-se em perigo de retrocesso na vida moral e desvio da fé. Como conscientizar a comunidade sobre os perigos, como a imoralidade da libertinagem (Ef 4,19)?
- g) Como as pessoas batizadas em nome de Jesus Cristo, sob a ética da igualdade (Gl 3,28), assumem o “código doméstico” (a lei da submissão) na família, a célula fundamental da sociedade patriarcal e escravagista daquele tempo (Ef 5,21-6,9)?
- h) As injustiças e opressões eram praticadas pelos poderosos do mundo (Ef 6,12) na realidade vigente da sociedade escravagista, na qual era quase impossível promover mudanças. Como a carta aos Efésios orienta os membros para lutar contra o mal, personificado pelo diabo (maligno), que seduz e se encarna nos poderosos do mundo?

4. CONHECENDO A CARTA AOS EFÉSIOS

A carta pode ser dividida em duas partes. A primeira é uma parte doutrinal sobre o projeto salvador (o mistério) de Deus, realizado em seu Filho, Jesus (Ef 1,3-14), e desenvolvido na Igreja, a qual tem, como cabeça, Jesus Cristo soberano e crucificado (Ef 1,15-2,22), anunciado por Paulo (Ef 3,1-21). A segunda é marcada pela exortação a dinamizar a vida cristã: viver na unidade (Ef 4,1-16), viver como filhos da luz (Ef 4,17-5,20), ser família cristã (Ef 5,21-6,9), lutar contra o mal (Ef 6,10-20).

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço da pastoral bíblica junto ao povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia.

CURSOS INTENSIVOS E EXTENSIVOS

(presencial e *on-line*)

O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades: Introdução ao Primeiro e Segundo Testamentos; Aprofundamento; Espiritualidade Bíblica; Tema do Mês da Bíblia; Hebraico e Grego etc.

SERVIÇOS ÀS IGREJAS LOCAIS E OUTRAS ENTIDADES

A equipe do Centro Bíblico Verbo presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

PRODUÇÃO

O Centro Bíblico Verbo prepara subsídios para o Mês da Bíblia: Livro; “Bíblia Gente” (*Site*); Vídeo (*YouTube*); Artigo (*Blog e site*) etc.

Mais informações:

Tel.: (11) 5187.1008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página:

www.cbiblicoverbo.com.br

facebook.com/cbiblicoverbo

Eis um possível esquema para a carta:

- a) Introdução – 1,1-2: saudação inicial;
- b) Primeira parte – 1,3-3,21: o mistério de Cristo soberano, cósmico e eclesial;
- c) Segunda parte – 4,1-6,20: a vida cristã na prática;
- d) Conclusão – 6,21-23: saudação final.

5. CONHECENDO AS MENSAGENS PRINCIPAIS

A carta aos Efésios apresenta uma reflexão sobre a Igreja como corpo de Jesus Cristo. Ela exorta os leitores a uma conduta digna da vocação cristã no mundo helenista, patriarcal e escravagista do Império Romano.

- a) *O senhorio e a presença gloriosa de Cristo* (Ef 1,3-23): descreve e prega a soberania de Jesus Cristo como o único Senhor sobre “as coisas celestes e as terrestres”, para fortalecer a identidade, a sobrevivência e a resistência dos cristãos ante a dominação dos poderosos do mundo, justificada pela imagem poderosa do imperador, “Senhor e Deus”.
- b) *A Igreja universal* (Ef 2,1-22): Cristo crucificado, como a maior manifestação do amor infinito do Pai, derruba as barreiras (como a Lei e a tradição oficial) que isolavam Israel das outras nações. Doravante, gentios e judeus convertidos ao cristianismo formam, com unidade e igualdade de direitos, um só corpo, “homem novo” ou “nova humanidade”.

- c) *O mistério de Deus com o amor de Cristo* (Ef 3,1-21): a grande obra salvífica (mistério) de Deus, realizada em Jesus de Nazaré crucificado e anunciada pelo Evangelho de Cristo Jesus soberano, está revelada e desenvolvida na Igreja, o corpo de Cristo, na qual os gentios também fazem parte do povo de Deus. Na Igreja, a fé no amor de Cristo, fortalecida pelo Espírito Santo, deve ativar o “coração” dos fiéis para superar “todo conhecimento” (desvinculado da responsabilidade social e comunitária) e construir a casa de Deus Pai no seio do mundo injusto e opressor.
- d) *Unidade na diversidade* (Ef 4,1-16): pelo batismo, os membros cristãos, “ressuscitados” com Jesus Cristo, são libertos do “pecado” (o poder das trevas) e unidos ao Filho de Deus, participando do mistério (o projeto da salvação) de Cristo e formando a nova humanidade, o “homem perfeito”, na Igreja. Nela, cada membro, com seu carisma e função, forma “um só corpo e um só Espírito” no amor verdadeiro de Cristo, em oposição à sociedade patrimonial e escravagista de desigualdade e discriminação.
- e) *Nova humanidade em Cristo* (Ef 4,17-5,20): a pessoa renovada em Cristo deve revestir-se do “homem novo”, como filha da luz, e caminhar no amor, bondade, justiça e verdade, abandonando a “libertinagem e a prática insaciável de todo tipo de impureza”.

“GENTIOS E JUDEUS CONVERTIDOS AO CRISTIANISMO FORMAM, COM UNIDADE E IGUALDADE DE DIREITOS, UM SÓ CORPO.”



- f) *Amor e respeito* (Ef 5,21-6,9): segundo o modelo da união de Cristo e da Igreja, Efésios propõe que os cristãos pratiquem o código doméstico (as instruções sobre as relações entre mulher e marido, entre filhos e pais e entre escravos e patrões), com a “reciprocidade” e o “amor ao próximo”, nas “casas-empresa” de residência e produção, a célula fundamental da sociedade daquele tempo. A orientação visa desacreditar e subverter, pacífica e gradativamente, as relações de dominação e submissão dentro da sociedade patriarcal e escravagista sustentada pelo poderoso Império Romano, o mundo em que não se podia imaginar nem cogitar mudanças no sistema de relações socioeconômicas estabelecidas.
- g) *Luta contra os espíritos do mal* (Ef 6,10-20): na realidade vigente da sociedade opressora do império, com seu exército violento e sua religião ostensiva, os cristãos, portando a “armadura de Deus”, devem lutar contra os espíritos do mal chefiados pelo diabo (maligno), os quais seduzem e dominam o mundo, o ser humano e a história com seu espírito de alienação, ignorância e libertinagem. As armas para o combate e a resistência à sociedade geradora de injustiça, opressão e morte são a verdade, a justiça, o Evangelho da paz, a fé, o Espírito, a Palavra e a oração.

CONCLUSÃO

Fazendo uma leitura contextualizada da carta aos Efésios, percebe-se que as comunidades cristãs de ontem e de hoje devem lutar contra o mundo da injustiça e executar o projeto salvador (mistério) de Deus, revelado no Evangelho do amor de Jesus Cristo crucificado: Deus Pai criador reúne todas as pessoas na unidade e na paz, excluindo quaisquer separações de classe social, etnia, gênero e origem religiosa.

Quase dois mil anos se passaram, mas os espíritos do mal (ambições de bens e de poder) continuam seduzindo, encarnando-se nos

poderosos de hoje e devorando as pessoas inocentes mediante as guerras, o trabalho escravo, a economia selvagem, a fome, a violência etc. Como os cristãos podem lutar contra o mundo do maligno, não só em sentido espiritual, mas também em sentido real e concreto? As injustiças e desigualdades crescem a cada momento, dentro e fora das comunidades cristãs. Temos o desafio de reavivar a justiça, a solidariedade e a irmandade em nossa vida e missão. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUFF, Paul B. *Jesus followers in the Roman empire*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2017.
- FOULKES, Irene. Os códigos de deveres domésticos em Colossenses 3,18-4,1 e Efésios 5,22-6,9: estratégias persuasivas, reações provocadas. *Ribla*, São Bernardo do Campo, n. 55, v. 3, p. 52-80, 2006.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2.
- LINCOLN, Andrew T. Ephesians. In: *WORD Biblical Commentary*, vol. 42. Dallas: Word Books Publisher (Nelson), 1990.
- MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- PENNA, Romano. *As primeiras comunidades cristãs: pessoas, tempos, lugares, formas e crenças*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- RIEGER, Joerg. *Cristo e Império: de Paulo aos tempos pós-coloniais*. São Paulo: Paulus, 2009.
- SEIBERT-CUADRA, Ute. A mulher nos Evangelhos sinóticos. *Ribla*, São Bernardo do Campo, n. 15, v. 2, p.68-84, 1993.
- THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- WINN, Adam (ed.). *An introduction to Empire in the New Testament*. Atlanta: SBL Press, 2016.

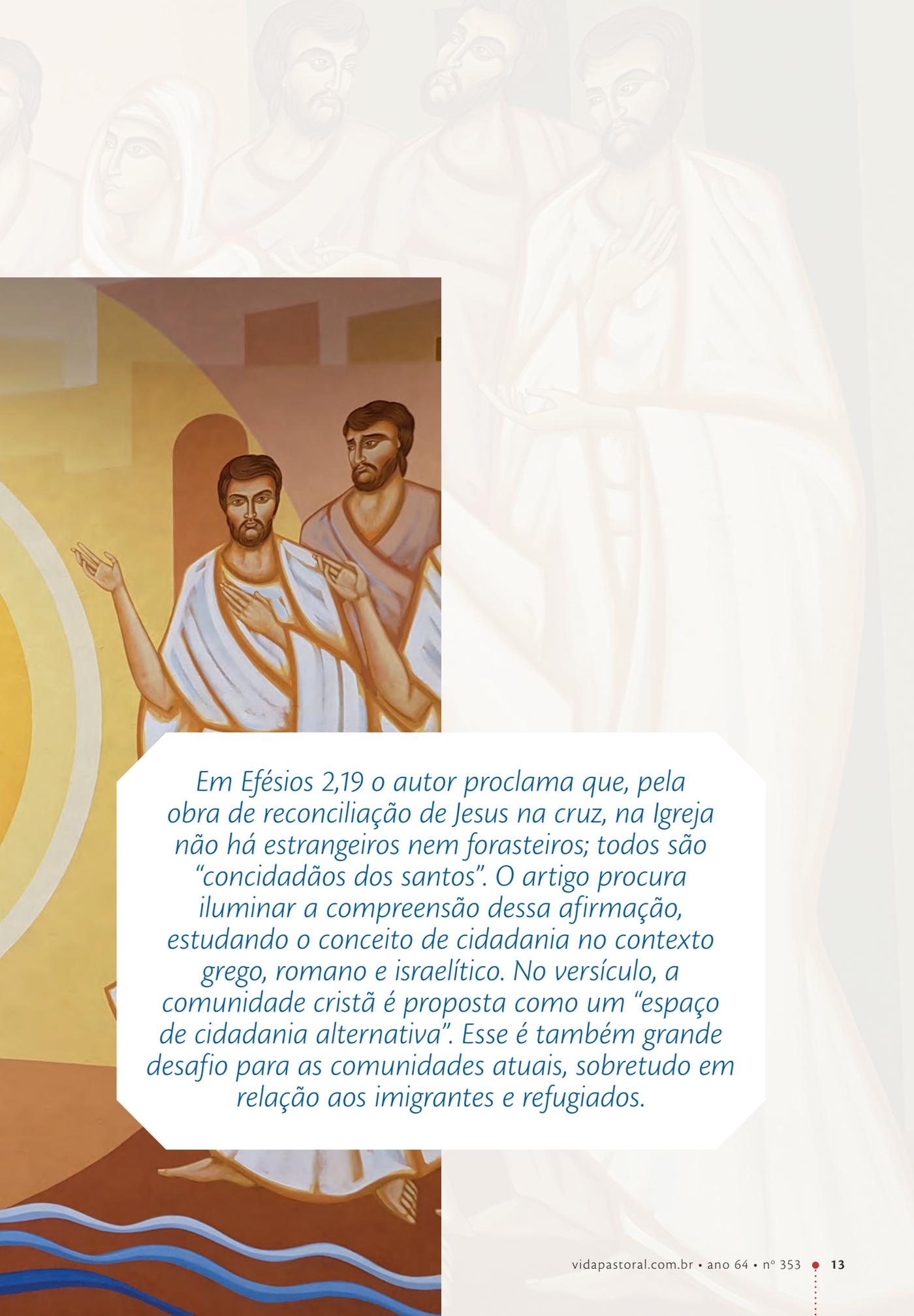
*Pe. Antônio César Seganfredo, missionário scalabriniano, é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma), com especialização pela Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém. É professor de Novo Testamento e diretor administrativo do Itesp (Instituto Teológico São Paulo), bem como pároco da paróquia São João Batista (no bairro do Ipiranga, em São Paulo-SP).
E-mail: aseganfredocs@gmail.com

**Wellington Barros, leigo, é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana (Roma) e em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor no Itesp e colaborador das Irmãs Missionárias Scalabrinianas.
E-mail: barroswellington@hotmail.com



EFÉSIOS 2,19:

A COMUNIDADE CRISTÃ
COMO “ESPAÇO DE
CONCIDADANIA”,
ONTEM E HOJE!



Em Efésios 2,19 o autor proclama que, pela obra de reconciliação de Jesus na cruz, na Igreja não há estrangeiros nem forasteiros; todos são “concidadãos dos santos”. O artigo procura iluminar a compreensão dessa afirmação, estudando o conceito de cidadania no contexto grego, romano e israelítico. No versículo, a comunidade cristã é proposta como um “espaço de cidadania alternativa”. Esse é também grande desafio para as comunidades atuais, sobretudo em relação aos imigrantes e refugiados.

“Na sociedade atual, a Igreja também é desafiada a continuar a ser ‘espaço de cidadania alternativa.’”



INTRODUÇÃO

O autor da carta aos Efésios proclama que os cristãos são “concidadãos dos santos” (Ef 2,19) – não por mérito próprio, mas pela obra de reconciliação que Cristo Jesus realizou “no seu sangue”. Isso equivale a dizer que, na Igreja, todos gozam de igual dignidade; na prática, no contexto da sociedade efésia do final do século I d.C., significava apresentar a Igreja como um “espaço alternativo de cidadania” para pessoas que cidadãos não eram, mas imigrantes, escravos, ex-escravos, pobres, mulheres (I Parte). Na sociedade atual, a Igreja também é desafiada a continuar a ser “espaço de cidadania alternativa” para todos os que têm o reconhecimento de sua dignidade diminuído ou pisoteado; entre eles, aqueles que hoje são “estrangeiros e forasteiros”, imigrantes, refugiados (II Parte).

I PARTE: “JÁ NÃO SOIS ESTRANGEIROS E FORASTEIROS, MAS CONCIDADÃOS DOS SANTOS”

Propomos a seguir um estudo prévio do modo como a “cidadania” era concebida no contexto grego, romano e israelítico do século I d.C., a fim de assentar as bases para melhor compreensão do alcance da metáfora citada em Ef 2,19.

1.1. Cidadania das “cidades gregas” (*politeia*)

Como se percebe, utilizamos a expressão “cidadania das ‘cidades gregas’”. De fato, no período clássico (V-IV a.C.), não havia um direito de cidadania válido para todas as

cidades gregas, mas cada cidadão o era apenas da própria *pólis*. Paulo, em Jerusalém, espelha tal realidade, quando afirma: “Eu sou judeu, cidadão de Tarso, uma cidade importante da Cilícia” (At 21,39).

Para Aristóteles (1999, III, 1275a, 4), o cidadão é um sujeito político: aquele que participa da vida da *pólis*. Nem todos, porém, eram cidadãos da *pólis*. O simples fato de nascer em uma cidade não conferia esse direito. Aquele que era cidadão (*polítēs*) tinha o direito de participar das instituições em que as decisões eram tomadas (por exemplo, a “assembleia” [ekklēsia]). Tal modelo de cidadania somente podia ser atuado em cidades pequenas. A própria Atenas de Aristóteles (IV a.C.) não contava com mais de 25 mil habitantes.

Um início de flexibilização se deu pela necessidade de realizar alianças de caráter militar, unindo diversas cidades em ligas (*koinā*). Não obstante, mesmo assim o cidadão continuava como tal apenas na própria *pólis*. Com o período helenístico (Alexandre Magno) e, depois, com o domínio romano, diminuiu a necessidade de defender a própria *pólis*, o que deu espaço ao crescimento do chamado “evergetismo”: uma pessoa particularmente rica, ao beneficiar determinada *pólis*, recebia como recompensa o “título de cidadania”.

1.2. Cidadania romana (*civitas*)

Há uma diferença entre os conceitos grego e romano de cidadania. No modelo grego, o cidadão era aquele que participava das instituições da *pólis*; no modelo romano, era o concidadão de outros cidadãos (BENVENISTE, 1974, p. 272-280). No que se refere

à *civitas*, a “cidadania”, no tempo da fundação de Roma (VIII a.C.), era unicamente para romanos. Todavia, com o advento do período imperial, surgiu a possibilidade da “dupla” ou “múltipla” cidadania. Na prática, a questão emergiu quando o império cresceu e expandiu-se para fora da Península Itálica, alcançando também o Oriente grego; aliás, a concessão da cidadania às elites foi um dos meios principais pelos quais o Império Romano se expandiu (GARNSEY, 2006, p. 135-136), fomentando a dominação, onde fosse possível, sem a necessidade de presença militar maciça.

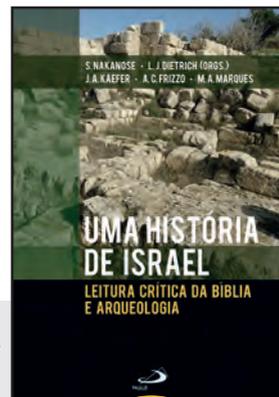
1.3. Cidadania israelítica

Desde o fim do período dos asmoneus (135-63 a.C.), não se pode falar de cidadania israelítica territorial, pois em 63 a.C. a região passou para o domínio romano. Não obstante, em Ef 2,12 o autor diz que os gentios estavam excluídos da “cidadania de Israel”. Ele se refere a uma cidadania real ou metafórica?

O vocabulário da “cidadania” está concentrado, sobretudo, nos quatro livros dos Macabeus (dois deles apócrifos; cf. 4Mc 17,9) e se refere à conduta que deve permear aqueles que se inspiram na Lei de Moisés. Trata-se, portanto, de cidadania entendida como “modo de vida” (COHEN, 1999, p. 125). Assim, também os judeus da diáspora podiam viver segundo a “cidadania de Israel”. Ao invés, no que se refere à abertura dos judeus aos gentios, seja na Palestina, seja na diáspora, as Escrituras testemunham pontos de vista contrastantes, que oscilam entre a rejeição e a valorização (CARDELLINI, 1992, p. 140-154). No próprio NT, para além de Ef 2,11-22, há ecos dessa problemática, por exemplo, quando Pedro, em casa de Cornélio, afirma: “Vocês sabem que é proibido para um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou entrar na casa dele” (At 10,28; cf. Gl 2,11-14).

Uma história de Israel

*Shigeyuki Nakanose, Luiz José Dietrich,
José Ademar Kaefer, Maria Antonia
Marques e Antonio Carlos Frizzo (orgs.).*



360 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra nasceu do rigor da pesquisa acadêmica e do estudo das línguas bíblicas, com pesquisas e viagens de estudos arqueológicos. É um trabalho coletivo que procura elaborar uma história de Israel com os mais recentes achados.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

1.4. Efésios 2,19: “concidadania dos santos”

O texto de Ef 2,11-22 está dividido em três unidades: o autor começa apresentando a “distância” (exclusão) dos gentios da religião de Israel (v. 11-13), a qual então é superada por Cristo Jesus em seu sangue (v. 14-18), com a consequência de uma nova condição, na Igreja, tanto para judeus como para gentios (v. 19-22). O caráter de conclusão dessa terceira unidade é evidenciado, já em seu início, pela conjunção “portanto”.

A unidade é rica em metáforas, de três âmbitos diferentes: sociopolítico, familiar e da construção civil (GRANADOS ROJAS, 2016, p. 97). Em Ef 2,19 encontramos o primeiro âmbito em três das quatro expressões, duas negativas e uma positiva: “Vocês já não são (1) estrangeiros e (2) forasteiros, mas (3) concidadãos dos santos”. Segundo as duas primeiras expressões, aqueles que em Ef 2,12 viviam na condição de excluídos da “cidadania de Israel” já não são “estrangeiros e forasteiros”. Tais termos, note-se, apresentam uma diferença básica: o *xénos* é o estrangeiro que está apenas de passagem, enquanto o *pároikos* é o estrangeiro/imigrante residente, mas sem direito de cidadania.

Logo em seguida, o “mas” introduz a expressão positiva: os membros da comunidade cristã são “concidadãos dos santos” (*sympolítai tōn hagíōn*). Na *pólis* grega do século V a.C., o termo “concidadania” indicava os direitos comuns aos cidadãos da *pólis*. É nesse sentido que o substantivo é

usado em Ef 2,19. Contudo, note-se que os cristãos não se tornaram concidadãos dos judeus ou dos cidadãos de Éfeso, mas “dos santos”.

Trebilco (2012, p. 122-163) demonstrou que, no NT, o conceito de “santidade” não tem influência grega, mas vem das Escrituras de Israel. Nestas, porém, o termo “santo” é referido sobretudo a seres celestes (cf. Jó 5,1). Na literatura entre o AT e o NT (cf. 1Enoc 100,5) cresce a referência a seres humanos, mas em contexto escatológico. O NT, ao invés, começa a utilizá-lo em modo novo: “santos” são os santificados pela ação de Cristo Jesus, que, ressuscitando dos mortos, inaugurou os últimos tempos. A salvação deixou de estar apenas no horizonte futuro! Assim, os cristãos, começando pela Igreja de Jerusalém, passaram a utilizar a palavra “santo” com referência uns aos outros já no presente (cf. Ef 2,6).

Entretanto, é preciso aclarar a compreensão da identidade desses “santos”. Seriam os judeus? Os judeu-cristãos? Os seres celestes? Os cristãos já glorificados? Segundo nossa linha de argumentação, os “santos” são todos os membros da comunidade cristã, já no presente. Entre os seguidores de Jesus, de fato, por intermédio da sua cruz, já não há diferença de dignidade; todos são “um só homem novo” (Ef 2,15) e, portanto, “concidadãos” entre si, mesmo que a realidade efésia não os considere assim (SEGANFREDO, 2019, p. 289).

Concluindo a I Parte, é importante evidenciar que os seguidores de Jesus espalhados em Éfeso e região são um grupo pequeno e socialmente irrelevante. Assim, o anúncio da “cidadania alternativa” tem significado sobretudo para a própria comunidade. Não obstante, à medida que os cristãos tomarem consciência do alcance da obra de reconciliação “no sangue” de Cristo (Ef 2,13), poderão tornar-se “fermento” na construção de uma realidade social nova.

“Santos’ são os santificados pela ação de Cristo Jesus, que, ressuscitando dos mortos, inaugurou os últimos tempos.”

II PARTE: IMIGRAÇÃO E CIDADANIA NO BRASIL E NA IGREJA

Segundo dados de 2020 da Organização Internacional para as Migrações (OIM), a maioria das pessoas continuam vivendo nos países em que nasceram – apenas uma em cada trinta deixa seu país natal. Embora os números possam esconder a vida e as histórias dos imigrantes, os dados estatísticos são importantes para compreendermos as tendências emergentes e a evolução das variáveis demográficas que trazem consigo as transformações sociais e econômicas mundiais. Assim, é possível compreender melhor as mudanças do mundo em que vivemos e poder planejar melhor o futuro.

As estimativas mais recentes indicam que, em 2020, havia no mundo aproximadamente 281 milhões de imigrantes, equivalentes a 3,6% da população mundial. Globalmente, o número de imigrantes aumentou nas últimas cinco décadas, e o total estimado de 2020 é superior aos dados de 1990 (128 milhões) e o triplo de 1970. As mesmas fontes destacam que, em 2020, o Brasil acolheu pouco mais de um milhão de imigrantes.

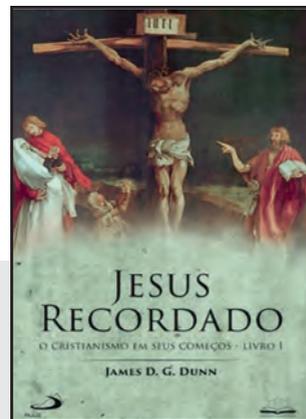
2.1. Imigração e cidadania no Brasil

A cidadania é comumente entendida como o conjunto de direitos e deveres das pessoas nos diferentes contextos sociais, locais e globais. E quanto aos imigrantes, que, em princípio, não são cidadãos brasileiros? Nosso país teve recentemente um novo marco legal (Lei 16.445/2017), com a aprovação de uma nova lei migratória que superou o tão defasado estatuto do estrangeiro, da época da ditadura militar. A imigração tomou proporções inusitadas também no Brasil e tem sido foco de acentuada politização, marcada pela busca do difícil equilíbrio entre a defesa das próprias fronteiras e dos cidadãos(ãs) e o dever ético-moral de acolhida e proteção dos imigrantes. A realidade é que não existe um país sem fronteiras e não existe

Jesus recordado

O cristianismo em seus começos – Livro I

James D. G. Dunn



1248 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

É o primeiro volume de uma trilogia que reúne as lições sobre a busca de um Jesus histórico. Falecido em 2020, James Dunn é considerado um dos principais eruditos bíblicos de sua geração.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



“A imigração tomou proporções inusitadas também no Brasil e tem sido foco de acentuada politização.”

uma política de fronteiras incondicionalmente abertas. Existem, em vez disso, diversas formas de um país defender suas fronteiras e garantir a soberania nacional, sem deixar de acolher os imigrantes. Infelizmente, está sempre presente a tentação totalitária, xenofóbica, militarizante e de fechamento das fronteiras. Essas são formas graves e desumanas que desrespeitam os direitos humanos (VARESE, 2007, p. 9-10).

A atual política migratória brasileira se fundamenta nas convenções e tratados já celebrados pelo Brasil, como a Declaração de Direitos Humanos e a própria Constituição Federal de 1988. A lei vigente desde 2017 foi elaborada na perspectiva dos direitos humanos e trouxe importantes avanços, ao considerar a pessoa migrante como sujeito de direitos, com destaque para:

- não criminalização da migração;
- impossibilidade de prisão por razões migratórias;
- acolhida humanitária e reunião familiar como princípios;
- universalização do conceito de autorização de residência, desvinculando-o dos modos de entrada;
- facilidade para emissão de documentos para migrantes em situação de vulnerabilidade;
- garantia de acesso pleno a direitos, sem discriminação em razão da condição migratória;
- proibição de deportação e expulsão coletivas;
- garantia de ampla defesa em casos de deportação, repatriação e expulsão de migrantes.

É importante estarmos cientes dessa dinâmica migratória; muitos não sabem, por exemplo, que a ausência de documentos não é obstáculo para o acesso aos serviços públicos, como assistência social, saúde, educação, entre outros. No Brasil, imigrar não é crime! A legislação brasileira não criminaliza a imigração em situação irregular, tampouco os meios de entrada no país. Ninguém pode ser preso por falta de documentos ou por quaisquer razões migratórias.

2.2. A Igreja e a promoção da cidadania dos imigrantes

Apesar de notarmos avanços na legislação brasileira no tocante à imigração, sabemos que, na prática, os dramas vividos pelos imigrantes e refugiados são imensos; não é incomum, infelizmente, que se encontrem em situações nas quais sua dignidade é diminuída ou pisoteada. Como a Igreja tem se posicionado nesse âmbito? O cuidado pastoral com os imigrantes não é recente. Há um serviço já consolidado às pessoas em mobilidade, sobretudo a partir do século XIX, com base em importantes atuações, como a do bispo de Piacenza, São João Batista Scalabrini, e da Constituição Apostólica *Exsul Familia* (Pio XII), de 1952 (carta magna da Pastoral dos Migrantes). Desde então, a Igreja procura intervir de diversas maneiras, de acordo com cada realidade apresentada. A Santa Sé também se estruturou nesse sentido e conta, atualmente, com a Seção Migrantes e Refugiados do Dicasterio para o Desenvolvimento Humano

Integral, que apoia a Igreja, em todos os níveis, nas ações em prol das pessoas em mobilidade.

As conferências episcopais também têm criado meios para responder a essa dinâmica pastoral; não é diferente com a CNBB, por meio do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM). Além disso, existem congregações religiosas que trazem como carisma a atuação junto a imigrantes e refugiados, como é o caso da Congregação dos(as) Missionários(as) Scalabrinianos(as) e da Ordem dos Jesuítas, entre outras, que promovem a possibilidade da celebração da fé segundo a própria língua e cultura, oferecem centros de acolhida e assistência (“casa do migrante”), ajuda humanitária, regularização, ensino da língua

portuguesa e acesso ao mercado de trabalho. Por fim, e não menos importante, há diversas associações étnicas que os próprios imigrantes têm fundado, “espaços de cidadania alternativa”, onde eles exercem o protagonismo, celebram a própria fé e cultura.

Na Igreja atual, assim como nas comunidades efésias do século I a.C., persiste o desafio de ser “espaço de cidadania alternativa”, enquanto se procura ser fermento para que a dignidade de cada ser humano seja reconhecida e respeitada pela sociedade civil. Não se trata, porém, de uma decisão que brota primeiramente da própria comunidade eclesial. A fonte é e permanece sendo a obra de reconciliação realizada por Cristo Jesus na cruz!

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTELE. Política. In: ARISTOTELE. *Opere filosofiche*. Turim: UTET, 1999. p. 640–892. v. 1.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974. v. 2.
- CARDELLINI, Innocenzo. Stranieri ed “emigrati-residenti” in una sintesi di teologia storico-biblica. *Rivista Biblica*, Carpi, anno 40, n. 2, p. 129–181, 1992.
- COHEN, Shaye J. D. *The beginnings of Jewishness: boundaries, varieties, uncertainties*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- GARNSEY, Peter. Roman citizenship and Roman law in the Late Empire. In: SWAIN, Simon; EDWARDS, Mark (ed.). *Approaching Late Antiquity: the transformation from Early to Late Empire*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 133–155.
- GRANADOS ROJAS, Juan Manuel. *La teología de la reconciliación en las cartas de San Pablo*. Estella: Verbo Divino, 2016.
- ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Datos e investigación*. Disponível em: <https://www.iom.int/es/datos-e-investigacion>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- SEGANFREDO, Antônio César. *Efesini 2, 19: la concittadinanza dei santi come alternativa alla politeia greca e alla civitas romana*. 2019. Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Pontificia Università San Tommaso d’Aquino in Urbe, Roma, 2019.
- TREBILCO, Paul R. *Self-designations and group identity in the New Testament*. New York: Cambridge University Press, 2012.
- VARESE, Luis. O futuro da cidadania, do refúgio e da migração em debate. *Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, Brasília: IMDH, n. 2, ago. 2007. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-02_Ref%C3%BAgio-Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

Érica Daiane Mauri*

*Érica Daiane Mauri é mestre e doutoranda em Teologia pela PUC-PR, com linha de pesquisa centrada na análise e interpretação da Sagrada Escritura. E-mail: ericadmauri@gmail.com



A MULHER E SEU PROTAGONISMO NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS: uma leitura de Ef 5,21-33

A carta aos Efésios apresenta um Código de Deveres Domésticos que precisa ser lido e compreendido dentro do contexto sociocultural em que surgiu, em meio às comunidades cristãs da segunda geração, a fim de não incorrerem no equívoco de limitar o protagonismo e a ação das mulheres diante das relações sociais e comunitárias atuais.

Introdução

Entre as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, temos a chamada carta aos Efésios, que recebe, neste ano, uma atenção especial da Igreja no Brasil por ser o texto escolhido para estudo e reflexão e para iluminação da práxis cristã no mês da Bíblia. Trata-se de escrito inspirador de muitas teologias, como a cristologia universal – Cristo *Pantocrator* – e a eclesiologia da Igreja como o corpo místico e Cristo como sua Cabeça/Senhor.

Além de uma cristologia e eclesiologia própria, a carta aos Efésios apresenta um Código de Deveres Domésticos (Ef 5,21-6,9) que causa certo desconforto à vida comunitária da Igreja atual, principalmente no que se refere à aceitação de relações de submissão tanto da mulher quanto de trabalhadores-escravos.

Apesar da orientação da Igreja de que a interpretação dos textos bíblicos seja realizada mediante um estudo atento, a fim de descobrir o sentido que o autor desejou transmitir em meio às específicas circunstâncias, tradições e culturas da época e às particularidades das relações entre os destinatários (DV 12), muitos cristãos atuais incorrem no erro de aplicar *ipsis litteris* as orientações sobre a moral doméstica presente na carta aos Efésios.

Neste artigo, pretendemos compreender melhor o contexto e as moções que resultaram na elaboração do Código de Deveres Domésticos da referida carta, com o intuito de iluminar as atuais práticas das comunidades cristãs.



“Além de uma cristologia e eclesiologia própria, a carta aos Efésios apresenta um Código de Deveres Domésticos.”

1. A atuação da mulher nas primeiras comunidades cristãs e sua submissão na Igreja de Éfeso

O texto de Efésios 5,21-33 causa estranheza quando o lemos comparativamente tanto com a realidade sociocomunitária da Igreja nos tempos atuais quanto com os feitos e ditos de Jesus presentes no Evangelho e mesmo nas demais cartas de autoria do apóstolo Paulo.

Jesus, em sua vida e missão, inaugura novo modo de se relacionar com as pessoas, caracterizado pela compaixão, igualdade, inclusão e fraternidade. Todos os grupos sociais postos à margem das relações socioculturais e religiosas contemporâneas a Jesus encontram nele e em seu projeto de Reinado de Deus um lugar de pertença; com sua dignidade restaurada, todos são chamados a ser sujeitos na construção e manutenção dessas novas relações. Jesus agia desse modo com os doentes, pobres, pecadores e, é claro, com as mulheres.

Tanto a sociedade judaica quanto a greco-romana estavam fundamentadas nas estruturas patriarcais. O chefe da família (*pater familias*) era responsável por todos os membros da casa (mulheres, crianças e escravos), e seu poder, exercido com o respaldo sociorreligioso, restringia a liberdade e a dignidade desses membros. O lugar da mulher, nas estruturas sociorreligiosas do judaísmo do primeiro século, era o ambiente da casa, onde cuidava dos filhos, das atividades domésticas e do tear. Sua vida pública era restrita, sendo impedida de ter acesso aos estudos e até de

ser discípula de algum rabino; além disso, ao sair de casa, “usava um véu cobrindo sua face, guardando o anonimato. Suas conversas deviam ser breves, e não podia ser cumprimentada publicamente. Jamais exercia a função de juíza e de testemunha [...]. No templo e na sinagoga ocupavam um lugar separado dos homens” (SAB, 2011, p. 82).

Jesus subverte as estruturas impostas às mulheres e a estas destina sua mensagem do Reino e da salvação, com a mesma dignidade com que a anuncia aos homens. Jesus aceita mulheres como suas seguidoras e discípulas (Lc 8,1-3); a elas ensina como Mestre (Lc 10,38-42); defende publicamente a igualdade de direitos e o respeito entre homens e mulheres (Jo 8,1-11; Mt 5,28); toca-as e deixa-se tocar, cura-as e fala publicamente com elas (Jo 4,27; Lc 7,36-50; 8,43-48); reconhece nelas grande fé (Mt 15,28), um modelo de discipulado (Mc 12,41-44; 14,3-9), e surpreendentemente as incumbe de serem anunciadoras e testemunhas da ressurreição, porta-vozes das primeiras orientações para a comunidade pós-pascal dos discípulos (Mc 16,1-8; Mt 28,1-10; Lc 24,1-2; Jo 20,1-10). Jesus inclui as mulheres na dinâmica de destinatárias, promotoras e anunciadoras da Boa Notícia do Reinado de Deus.

Esse novo modo de relação/protagonismo instituído por Jesus perdura nas comunidades instituídas pelos apóstolos. Paulo, inúmeras vezes, deixa transparecer em suas cartas o protagonismo feminino em meio às comunidades que organizou. De diversas

maneiras, ele se refere às mulheres e à sua atuação na vida das comunidades. Elas são mencionadas como

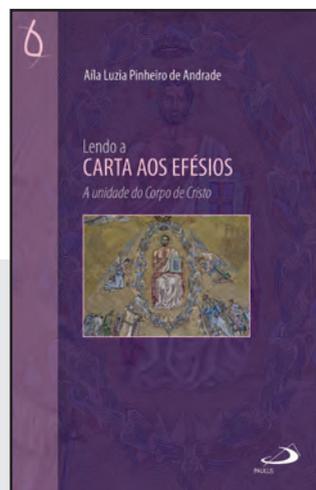
missionárias, pregadoras (quase todas), diaconisa (Febe), profetas (Priscila e Áquila: expuseram suas cabeças; Pérside: que afadigou no Senhor), companheiras de prisão (Júnia e Andrônico; Trifena, Trifosa e Pérsida, companheiras na tribulação), apóstolas (Júnia e seu marido: ousadia de Paulo), líderes das comunidades (Febe de Cenecria/Corinto; Maria; Filólogo e Júlia, a irmã de Nereu, e Olimpas de todos os santos; Evódia e Síntique de Filipo; Ápia em Filêmon), pessoas de ternura (a mãe de Rufo, “mãe” de Paulo; Febe, “nossa” irmã). Elas eram colegas de trabalho de Paulo e de outros homens, com todos os dons do carisma que aconteceu para a animação da Igreja (REIMER; SOUZA; FERREIRA, 2018, p. 212-213).

Paulo experimenta em profundidade o encontro com o Messias Jesus de Nazaré. O apóstolo dos gentios assume a missão de anunciar a Boa Notícia a todos de modo coerente com o que recebeu. Essa nova experiência com o Cristo contribuiu para que Paulo “ultrapassasse os exclusivismos étnicos, sociais e de gênero” (REIMER; SOUZA; FERREIRA, 2018, p. 210). Sua atitude para com as mulheres rompe, na medida do possível, com as estruturas socioculturais e religiosas tanto da sociedade judaica quanto da greco-romana; assim como o Mestre, ele as considera sujeitos e dignas da graça em suas comunidades. Na carta aos Gálatas, Paulo supera a histórica divisão entre judeus e gregos, entre escravos e livres, entre homem e mulher (Gl 3,28). Assim, “o objetivo de Paulo era formar comunidades vivas que superassem essas três dicotomias” (REIMER; SOUZA; FERREIRA, 2018, p. 210).

As comunidades cristãs constituíam um espaço de igualdade e dignidade de todos diante de Deus e dos irmãos e irmãs.

Lendo a carta aos Efésios A unidade do Corpo de Cristo

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade



112 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A carta aos Efésios é, antes de tudo, uma reflexão abrangente sobre a salvação realizada por Cristo e sobre a Igreja em sua relação com Deus e com o mundo. A unidade da Igreja é o tema principal abordado pelo autor. Sem a unidade dos membros entre si e a unidade destes com Cristo, não existe Igreja. É nessa carta que encontramos um louvor à natureza e à unidade da Igreja em Cristo, única de seu tipo entre todos os escritos paulinos.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-0164011

paulus.com.br

“Jesus, em sua vida e missão, inaugura novo modo de se relacionar com as pessoas, caracterizado pela compaixão, igualdade, inclusão e fraternidade.”



Os carismas eram igualmente exercidos, tanto por homens quanto por mulheres, em favor da Igreja e da missão evangelizadora.

Cabe, então, refletir sobre o que mudou na realidade das comunidades para que a carta aos Efésios registrasse: “as mulheres sejam submissas em tudo aos seus maridos” (Ef 5,24).

Efésios é considerada uma carta *deuteropaulina*; ou seja, assim como a carta aos Colossenses e a 2ª Tessalonicenses, foi escrita provavelmente por um discípulo do apóstolo Paulo, em um período posterior à sua morte (ocorrida em Roma, entre 67–68 d.C.). A carta reflete a realidade eclesial das comunidades cristãs do final do primeiro século (entre os anos 70 e 90 d.C.), as quais vivem um distanciamento dos apóstolos e dos primeiros missionários, em virtude da morte e do martírio, e uma ressignificação da vinda definitiva de Cristo (parúsia), que, diferentemente do que se esperava a princípio, não ocorreu de forma imediata. Na realidade social, as comunidades começam a sofrer certas desconfianças e algumas perseguições da sociedade em que estavam inseridas.

As comunidades cristãs, ao se organizarem diante dessas novas realidades, são influenciadas pelo contexto sociocultural greco-romano, estruturado com base no protagonismo de uma elite masculina que fundamenta as relações da sociedade e do núcleo familiar. A sociedade era piramidal: no topo do poder estavam os nobres, os homens da corte do império e os altos funcionários do Estado (senadores e

generais do exército), seguidos da classe dos homens livres, considerados cidadãos romanos; na base da pirâmide estavam os escravos, que não participavam da política, não tinham direito à propriedade e à liberdade de locomoção e cuja função era produzir bens e serviços. Esse modelo tem seus fundamentos na hierarquização das relações e no patriarcalismo.

Nesse padrão de sociedade, a família era concebida como uma “representação menor das relações sociais, em que o poder estava centralizado nas mãos de homens adultos e senhores de escravos. Para manter esse sistema, nada melhor que reproduzir em cada família essas relações. Ali, cada segmento tem seu papel bem definido” (GASS, 2004, p. 46) e quem exerce a função de senhor/chefe é o *pater familias*.

As comunidades cristãs da segunda geração parecem assumir esse modelo, em maior ou menor grau, e fortalecem a hierarquização e a patriarcalização de suas relações internas. Se, no início da transmissão da Boa Notícia de Jesus Cristo, tais estruturas sociais haviam sido, em parte, relativizadas na constituição das relações no interior das comunidades, garantindo uma participação mais inclusiva das mulheres, agora, no final do primeiro século, aquele modelo de sociedade é adotado como regulador das relações comunitárias.

Essa opção é notada pela presença dos Códigos de Deveres Domésticos, como o que encontramos em Ef 5,21–6,9. Os Códigos Domésticos “são formas literárias cuja

característica é a transferência parenética [exortação moral] de conteúdos da filosofia econômica grega para grupos individuais [...]. São parêneses acerca da submissão, cujo espaço é a casa” (REIMER; SOUZA; FERREIRA, 2018, p. 209). Tais códigos estão presentes na sociedade greco-romana e são adaptados para a realidade das comunidades cristãs.

Uma das adaptações é a atribuição de alguns deveres ao *pater familias*. No que se refere ao texto de Ef 5,21-33, sobre a relação esposo-esposa, ao homem/esposo cabe amar sua esposa e provê-la dos bens necessários para sua sobrevivência. De certo modo, ocorre uma limitação, mesmo que mínima, do poder do homem, ao vincular suas ações ao modelo do amor-doação de Cristo, o que resulta em um avanço para os códigos cristãos, comparado aos greco-romanos.

Uma das hipóteses sobre o porquê de esses Códigos de Deveres Domésticos começarem a normatizar as relações familiares dos membros das comunidades cristãs é compreendê-los como um subterfúgio para proteger as comunidades de más interpretações, conflitos e possíveis perseguições da sociedade em que estavam inseridas. Os códigos efetuavam o papel de “propaganda” para a sociedade de que as comunidades cristãs não tinham o objetivo de protagonizar a desordem das matrizes sociais. Assim, “em prol da boa ordem e da necessária sobrevivência da Igreja ante reais e iminentes perseguições, orienta-se para adaptar/amenizar o anúncio da liberdade/libertação jesusânica e paulina” (REIMER; SOUZA; FERREIRA, 2018, p. 219).

2. Os riscos de uma interpretação descontextualizada de Ef 5,21-33

O Código de Deveres Domésticos apresentado em Efésios corresponde a uma submissão, consciente ou não, das relações comunitárias às estruturas socioculturais vigentes. A atuação das mulheres na comunidade é restringida; elas saem da condição

O reino esquecido

Arqueologia e história de Israel Norte

Israel Finkelstein



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Apresenta a primeira história abrangente do Reino do Norte e a descrição da arqueologia do Norte de Israel desde a Idade do Bronze Tardio (em torno de 1350 a.C.) até a queda do reino em 720 a.C.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

de sujeitos ativos e voltam à condição de passividade imposta pela sociedade judaica e greco-romana. Mesmo quando o texto orienta que os maridos devem amar e prover suas esposas, essa atitude é uma expressão da relação ativo/marido-passivo/esposa consolidada na época (COMBLIN, 2013, p. 95).

Um risco para a atuação da mulher na comunidade consiste na defesa de que a mediação da graça, sua relação com Cristo/cabeça, ocorra por meio do marido, e não por meio da comunidade; ou seja, é preciso estarmos atentos para não justificar, com base na carta, uma compreensão equivocada de que a graça e os carismas são atribuídos às mulheres somente se elas estiverem na condição de esposa/submissas de um marido compreendido como seu senhor/cabeça. Algo, de fato, perigoso e totalmente errôneo!

Ef 5,21-33 pode configurar um risco para a vivência cristã nos dias atuais, quando, de modo equivocado, se atribui a elementos culturais da época do autor e de sua comunidade o *status* de sacralidade, fixando uma realidade sociocultural como sagrada.

A Igreja orienta que, para compreender a mensagem dos textos bíblicos, é preciso averiguar os elementos histórico-culturais e outros fatores relevantes do surgimento e fixação do texto. Nesse sentido, fica claro que a sujeição exigida às mulheres, no contexto

das comunidades cristãs do final do primeiro século, é decorrente de uma condição socio-cultural de aceitação das estruturas hierárquico-patriarcais estabelecidas.

Como compreender, de forma legítima, à luz da mensagem de Cristo e do testemunho das primeiras comunidades apostólicas, o papel da mulher nas relações comunitárias?

Uma leitura mais ampla da própria carta aos Efésios pode ajudar. Em Ef 5,21 a submissão é exigida a todos os membros da comunidade, não como uma condição de domínio e opressão, mas como serviço mútuo apresentado pelo próprio Jesus (Mc 10,44-45). Em Ef 6,9 temos a afirmativa de que o Senhor que está nos céus “não faz distinção de pessoas”.

A mensagem da carta nos apresenta que, em Cristo, somos todos iguais em dignidade e receptores da “riqueza da sua graça” (Ef 2,7), unidos a ele por uma só fé e por um só batismo (Ef 4,4), todos chamados a nos tornarmos “imitadores de Deus, como filhos amados”, e a caminhar no amor, como Cristo nos amou (Ef 5,1-2).

A carta aos Efésios afirma que Cristo “destruiu em sua própria carne o muro de separação, a inimizade” (Ef 2,14). Portanto, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só corpo em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Todos somos filhos e filhas com igual dignidade,

“A mensagem da carta nos apresenta que, em Cristo, somos todos iguais em dignidade e receptores da ‘riqueza da sua graça’.”



mediante o batismo, unidos a Cristo por meio de seu corpo místico, receptores da graça e dos dons necessários para a edificação da sua Igreja.

Conclusão

A carta aos Efésios, em seu Código de Deveres Domésticos, restringe, por razões socioculturais de sua época, o protagonismo feminino na relação comunitária. Um protagonismo confirmado pelos ensinamentos de Jesus e testemunhado nas primeiras comunidades apostólicas, que compreendiam a mulher como sujeito ativo na evangelização e na condução das ações comunitárias, como construtora e testemunha do Reinado de Deus.

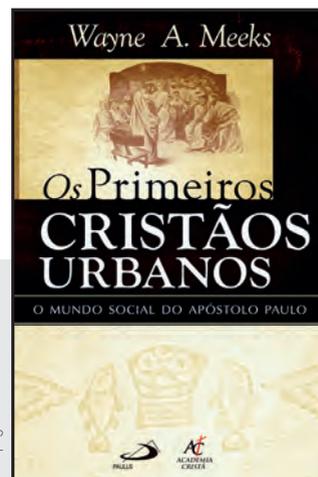
Nossas comunidades, de modo profético, devem retomar as relações igualitárias presentes nos primórdios do cristianismo, fortalecendo a atuação da mulher nos processos de evangelização e de constituição de uma sociedade pautada pelos valores do Reino de Deus. **vp**

Referências Bibliográficas

- COMBLIN, José. *Epístola aos Efésios*. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Santuário, 2013.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a revelação divina. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GASS, Ildo Bohn. *As comunidades da segunda geração cristã*. São Leopoldo: CEBI, 2004.
- NOVA Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017.
- REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Carolina Bezerra de; FERREIRA, Joel Antônio. Paulo e a questão de gênero em sociedades patriarcais. In: FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi (org.). *Paulo: contextos e leituras*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 209-228.
- SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA (SAB). *O Eterno entra na história: a terra de Israel no tempo de Jesus*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

Os primeiros cristãos urbanos O mundo social do apóstolo Paulo

Wayne A. Meeks



448 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro traz uma história social dos primeiros cristãos urbanos, mais especificamente o mundo das comunidades paulinas. Apresenta uma história das ideias, indo além da trajetória comum da exegese.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

*Pe. Márcio Pimentel é presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte, membro do Secretariado Arquidiocesano de Liturgia e da Celebra – Rede de Animação Litúrgica. É licenciado em Música pela UEMG, especializado em Música Ritual, mestre em Teologia pela Faje e doutorando em Liturgia Pastoral pelo Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Justina. *E-mail:* mafpimentel@gmail.com

**Ir. Penha Carpanedo, da Congregação Discípulas do Divino Mestre, é redatora da *Revista de Liturgia*, dedicada à formação litúrgica nas comunidades na perspectiva da iniciação cristã. *E-mail:* penhacarpanedo@hotmail.com

Bendito Aquele que nos abençoou com todas as bênçãos



*Uma leitura litúrgico-pastoral
do hino a Cristo na carta aos Efésios*

O hino de Efésios 1,3-14, embora de origem não litúrgica – no sentido de não proceder de uma prática celebrativa concreta nem pertencer a um repertório específico em uso na época –, provavelmente respire algo de um ambiente ligado à iniciação cristã e seja ponto de partida para a teologia da carta aos Efésios sobre o mistério da Igreja. Neste artigo, a reflexão sobre o hino se faz na perspectiva do contexto litúrgico atual, no qual ele está inserido, como canto da assembleia em oração. O rito é tomado como intérprete do hino.

1. O rito como intérprete da Escritura

Nas páginas que seguem, propomo-nos discutir o “hino de Efésios” por meio da liturgia, numa perspectiva pastoral. Isso significa considerar o rito como intérprete da Escritura para estabelecer o conteúdo da fé, a modalidade de sua experiência e a configuração de seu sujeito – no caso, a Igreja. Esse procedimento é coerente com o conhecido adágio, que se tornou um axioma para quem se aventura pelos caminhos da teologia, na fidelidade à genuína Tradição tanto oriental quanto ocidental: *lex orandi, lex credendi*. Ou seja, se se deseja saber como e em que a Igreja crê, deve-se observar como ela reza (BAMBRILLA, 2003, p. 72).

O ditado *lex orandi, lex credendi* nasce do reconhecimento da liturgia como um fenômeno de significado originante para a fé. Ao fazê-lo, os ritos pelos quais o mistério de Cristo é celebrado nas comunidades cristãs são dotados de uma autoridade exegético-interpretativa própria. Com isso, queremos, sim, afirmar que o conjunto de orações da Igreja – a eucologia – é uma página de interpretação bíblica (SODI, 2013, p. 51-52). Mas não só isso. É o rito, enquanto uma operação simbólico-comunicativa dos fiéis, o procedimento pelo qual a revelação é estabelecida, experienciada e conhecida. A

celebração, portanto, é mais do que o *Sitz im Leben*, o lugar ou contexto vital no qual a Palavra de Deus ecoa, mas a forma por excelência de essa Palavra dar-se (*Sacrosanctum Concilium*, n. 7).

O caráter institutivo e constitutivo, fundacional, portanto, da liturgia para a fé foi atestado recentemente pelo papa Francisco na carta *Desiderio Desideravi*, n. 7:

O conteúdo do pão partido é a cruz de Jesus, seu sacrifício em obediência de amor ao Pai. Se não houvesse tido a Última Ceia, ou seja, a antecipação ritual de sua morte, não poderíamos compreender como a execução de sua sentença de morte poderia ser o ato de culto perfeito e agradável ao Pai, o único e verdadeiro ato de culto.

Observando as narrativas evangélicas da Última Ceia, não é difícil verificar como o rito de Jesus estabelece a fé pascal. Se tomarmos um dos sinóticos – Mateus, por exemplo –, notaremos que o banquete ritual é o *Sitz im Leben* da fé: “Enquanto comiam...” (Mt 26,26), mas também é o “como” da fé: “Tomem, comam, isto é meu corpo...”. E, tomando um cálice e dando graças, deu a eles,



“SE SE DESEJA SABER COMO
E EM QUE A IGREJA CRÊ,
DEVE-SE OBSERVAR
COMO ELA REZA.”

dizendo: ‘Bebam dele todos’... E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras” (Mt 26,26b-28a.30). As palavras com as quais Jesus dialoga com os discípulos e simboliza o pão e o vinho como seu corpo e sangue, respectivamente, são “pinçadas” da Escritura (quanto à menção sobre o sangue da aliança: Ex 24,28; Is 53,1-12). Não obstante, é o gesto que confere o novo conteúdo semântico, o significado não só do pão e vinho, mas da Escritura mesma: tomou, abençoou, partiu e deu; tomou, fez ação de graças e deu. Com isso, o rito interpreta a Escritura, interpreta a própria ceia na qual o cordeiro, as ervas amargas, os demais elementos da ceia judaica dão lugar ao pão e vinho compartilhados e participados, e interpreta o próprio destino de Jesus.

O gesto eucarístico – leia-se, o rito eucarístico –, como dissemos, nasce como um fato originante da fé pascal, a qual, de acordo com Paulo, corresponde à seguinte afirmação: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,4). Conclusão: a celebração transmite a fé. Desse modo, tem razão, mais uma vez, o papa Francisco ao nomear a liturgia, ao lado das Escrituras e dos Padres, como pilar da verdadeira Tradição (DD 14).

2. “Tendo cantado o hino”

Continuemos nossa tentativa de interpretar Ef 1,3-14 em perspectiva litúrgico-pastoral, mantendo sob nosso olhar a narrativa

mateana da Última Ceia. Faremos assim porque Mateus mantém a redação de Marcos e cita o hino conclusivo do banquete ritual – como é esperado no *Seder* pascal –, o que é interessante para nosso estudo.

Sobre esse hino, não sabemos muito. No caso de Mateus, que mistura elementos tradicionais referentes à ceia judaica à novidade do anfitrião Jesus, o hino conclusivo poderia ser a última parte do *Hallel*, hipótese que exprime uma tendência da ciência bíblica já a partir do século XVII. A exegese patrística, de todo modo, não enxergava nesse hino um uso judaico, mas, já na perspectiva da “novidade cristã” da Última Ceia, considerava-o um hino cristão de ação de graças, como aqueles que são usuais na missa, ligados aos ritos de comunhão (LUZ, 2005, p. 188, nota 11). Eusébio de Cesareia, no século IV, comentando o uso do incenso nas celebrações, testemunha que os hinos piedosos cantados na missa são eles mesmos oferecimento de ação de graças pela salvação (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2003, p. 357).

3. O hino de Ef 1,3-14

A exegese bíblica, com base na crítica das formas, consegue, com certa facilidade, identificar na Escritura aquelas passagens comumente designadas hinos e cânticos. Seja pela fluidez, pela estrutura paralelística – própria da poesia bíblica – e pelo tom expressivo, os estudiosos têm êxito

em reconhecer aquele material que certamente derivou de uma experiência cultural comunitária e foi posteriormente inserido na trama literária.

A hinódia do Novo Testamento, particularmente do *corpus* paulino, aparece como composição nomeadamente cristã, em geral de conteúdo laudativo e cristológico. A classificação dos hinos é variada, e é de aceitar uma tipologia que os diferencie em: a) sacramentais, enquanto provenientes do ambiente ritual do batismo ou Eucaristia; b) meditativos, na medida em que discorrem sobre o significado da fé em Cristo; c) confessionais, como expressão do testemunho cristão; d) cristológicos, enquanto *panegíricos*, ou seja, discursos elogiosos da figura de Cristo Jesus, pondo em destaque sua natureza, identidade, vocação e missão; e) parenéticos, ao debruçar-se sobre o apelo ético da fé (MARTIN, 2008, p. 631-633).

No caso de Ef 1,3-14, há a opinião de que se trata de uma composição autoral que dialoga com a carta aos Colossenses (KOBELSKI, 2011, p. 622). A favor dessa suposição está o fato de comportar um vocabulário bastante elaborado (SCHÖKEL, 2011, p. 2804 – nota 1,3-14). Por conseguinte, é possível que sua origem não seja litúrgica, no sentido de não proceder de uma prática celebrativa concreta nem de pertencer a um repertório específico em uso à época. Nota-se a dependência da experiência cultural judaica, dado que o discurso todo se assenta na noção de bênção (*berakah*) e se estrutura com base nessa noção, o que nos faz pensar numa apropriação da forma litúrgica vigente, adaptada aos objetivos do autor de narrar liricamente o projeto de Deus que se realiza em Cristo e alcança a comunidade dos crentes.

No entanto, não é descartado que o autor respire algo de um ambiente composicional ligado à iniciação cristã (BAMBRILLA, 2003, p. 76). Isso poderia ser deduzido do

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos

Lee Martin McDonald



264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Um grande trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias da atualidade. A obra descreve como a Bíblia cristã teve seu início, se desenvolveu e se fixou, desde os textos hebraicos até a literatura patrística.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

conteúdo, ou seja, da letra do hino. A bênção é descrita como um elogio a Deus, que, em Cristo, seu Filho, predestinou o gênero humano à filiação (v. 3-6a), acontecimento que envolve a comunidade de fé (v. 6b-10), a qual se considera eleita à participação desse mistério (v. 11-13) que se antecipa na adesão e no testemunho, mas se orienta para uma plenificação escatológica (v. 14).

Do ponto de vista estrutural, é possível uma subdivisão trinitária, certamente lógica, se considerarmos três blocos distintos, destinados a louvar o Pai (v. 3-6), pelo Filho (v. 7-12), no Espírito (v. 13-14). Cada bloco é concluído com uma menção ao louvor da glória de Deus. Entretanto, é notório que o hino é completamente centrado na figura de Cristo e na relação que se estabelece entre ele e o fiel que rejubila porque se vê mergulhado em seu mistério. Levando em consideração essa dimensão, o hino é uma peça eminentemente cristológico-elesial, já que, do primeiro ao último versículo, a constância é o “nós” da comunidade experimentando a mediação de Cristo na sua relação filial com Deus.

4. O hino de Efésios nos livros litúrgicos

No Ofício Divino, o hino de Efésios é entoado como um rito em si mesmo, ou seja, como parte da salmodia no ofício da tarde, na segunda-feira da II, III e IV semanas; no comum de Nossa Senhora, I e II vésperas; no comum dos apóstolos, I e II vésperas;

no comum das virgens, I e II vésperas; no comum dos pastores, I vésperas; no comum dos santos homens, I vésperas; no comum das santas mulheres, I e II vésperas. No Ofício das Comunidades, está inserido no ofício da tarde, na segunda-feira da I à IV semanas. Nesse contexto de ação de graças próprio do ofício da tarde, o hino é agradecimento a Deus por seu projeto de divinizar-nos em seu Filho.

No contexto da celebração eucarística, vamos encontrá-lo inteiro no Lecionário Dominical (Ano B, 15º domingo do Tempo Comum) e, em partes, na celebração da Imaculada Conceição e no segundo domingo depois do Natal (sempre como segunda leitura). Nas missas feriais, encontrá-lo-emos na liturgia da Palavra da quinta e sexta-feira da 28ª semana do Tempo Comum. Também figura nas missas para diversas necessidades, quando se reza pela Igreja e pelos fiéis leigos, bem como nas missas “em ação de graças”, como possibilidade de segunda leitura na missa votiva do Sagrado Coração de Jesus e, ainda, no comum da Bem-aventurada Virgem Maria e na celebração do Santíssimo Nome de Maria. Já como antífona para a missa, encontraremos, como canto de comunhão, trechos dele na celebração da eleição e inscrição do nome, dentro da caminhada catecumenal e na missa da sexta-feira da 4ª semana da Quaresma; na missa pela Igreja, aparecerá, também, um versículo como antífona da entrada.



“O HINO É COMPLETAMENTE CENTRADO NA FIGURA DE CRISTO E NA RELAÇÃO QUE SE ESTABELECE ENTRE ELE E O FIEL.”

No Ritual de Bênçãos, curiosamente, ele é omitido, a não ser como uma citação na Introdução Geral, relacionada à afirmação de Cristo como máxima bênção de Deus para nós. No Ritual da Penitência, surpreendentemente, aparece de maneira mais generosa: duas vezes é citado na Introdução Geral, uma vez como leitura e todas as outras vezes como canto (salmo responsorial ou louvor e ação de graças). No Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, aparece como antífona da comunhão na celebração da eleição, conforme mencionado acima, e como versículo de aclamação, do mesmo modo que no Ritual da Unção dos Enfermos. O hino está ausente no Ritual do Matrimônio e no Pontifical Romano.

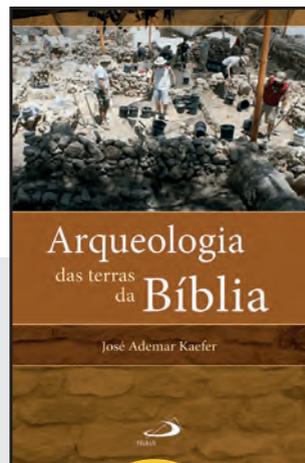
Não é possível aqui uma análise de todos os casos em que o hino aparece em parte ou integralmente. Em cada caso, o rito em questão nos forneceria uma abordagem hermenêutica diferente. Se pensássemos apenas em termos de contexto litúrgico enquanto um enquadramento ritual genérico, isso já seria suficiente para alterar a exegese e a interpretação do texto. Feitas essas observações, tomaremos o hino no uso de canto de comunhão, conforme aparece no Missal Romano.

5. Cantar a bênção

A prática ritual do hino de Efésios em nossos dias, conforme vem programada nos livros litúrgicos, é bastante diversificada. No entanto, na celebração eucarística predomina seu enquadramento relativo à filiação-eleição. Isso é particularmente acentuado na celebração da Imaculada Conceição e na missa do segundo domingo depois do Natal, quando ocorre como texto a ser proclamado na liturgia da Palavra. Desse modo, a hermenêutica do texto vê-se condicionada à forma proclamativa, cuja função linguística é predominantemente referencial e poética, ou seja, direcionada a abordar os ouvintes

Arqueologia das terras da Bíblia

José Ademar Kaefer



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra trata dos principais sítios arqueológicos de Israel e alguns da Jordânia. Uma excelente ajuda para estudantes, professores e peregrinos em viagens às terras santas, por meio de informação prévia e concisa dos lugares a visitar.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

(a assembleia em oração), pondo-lhes a par do conteúdo, quase que “os informando”, mas simultaneamente se concentrando na mensagem, ao pô-la em destaque pelo ritmo, pelo tom de voz e pelos demais procedimentos comunicativos, expressões e palavras significativas.

Quando o hino de Efésios é empregado na liturgia como canto da assembleia – o que ocorre ao ser tomado como antífona da entrada ou da comunhão –, o processo hermenêutico é de outra ordem. Em primeiro lugar, o hino recobra sua densidade expressiva; será não apenas uma maneira de declarar conteúdos teológicos sobre Cristo e a Igreja, mas também de permitir que transborde a satisfação de estar envolvido(a) no acontecimento lyricamente descrito. Atinge e ativa, por assim dizer, a emoção dos sujeitos do canto, isto é, os que se tornam assembleia ou se fazem comungantes. Depois, o emprego da função metalinguística potencializa o discurso teológico – o hino é uma bênção, uma oração que bendiz, elogia a Deus, por ser Ele uma bênção em seu Filho; e então o discurso se debruça sobre a própria bênção: com o compartilhar da sua filiação, Cristo abençoa os fiéis. Isso é notório na versão do Ofício Divino das Comunidades, de autoria de Reginaldo Veloso. O refrão “Bendito seja Deus, Pai do Senhor Jesus Cristo; por Cristo nos brindou (= abençoou) todas as bênçãos do espírito” cumpre essa função

metalinguística, que ajuda a construir o significado da adesão dos fiéis ao mistério da filiação e eleição propostas como a maior das bênçãos de Deus, bem como da participação deles nesse mistério. Essa versão é proposta no Hinário Litúrgico da CNBB como canto de comunhão.

Conclusão: dimensão pastoral

O hino de Efésios, quando assume um lugar no exercício ritual da Igreja, especialmente como canto no rito da comunhão, alcança uma eficácia pastoral de primeira importância. Como sacramento da iniciação, a Eucaristia é o momento no qual o fiel se vê dentro do mistério ao celebrá-lo; esse mistério não se apresenta como um “ente mental”, como um significado a ser colhido com o uso do raciocínio, e sim como uma relação a ser estabelecida na mediação dos sinais. Tal relação se chama *koinonia*, comunhão, com Deus e os irmãos e irmãs, e se forma como vínculo, como um laço familiar.

A apropriação do hino por parte dos fiéis poderia ainda ser impulsionada se o Ofício Divino fosse rezado pelo mesmo sujeito eclesial que depois celebra a Eucaristia. Por seu caráter preparatório em relação à missa, a Liturgia das Horas ajudaria a assembleia a executar o hino conscientemente, bebendo de sua riqueza teológico-espiritual e complexidade expressiva. Quando retornasse durante a comunhão, seria, de fato, a realização da

“O HINO É UMA PEÇA
EMINENTEMENTE
CRISTOLÓGICO-ECLESIAL,
DO PRIMEIRO AO ÚLTIMO
VERSÍCULO.”



bênção, que enlaça os fiéis entre si enquanto se orientam para a fonte de todas as bênçãos, à disposição na mesa-altar, como explica a Instrução Geral do Missal Romano sobre o canto de comunhão. Executar ritualmente o hino de Efésios colabora para que a comunidade se perceba dentro do mistério de Cristo, mergulhada, de fato, nas águas do batismo. **vp**

Referências Bibliográficas

BAMBRILLA, Franco. Nella *lex orandi* la *lex credendi* della Chiesa. In: CENTRO DIAZIONE LITURGICA. *Liturgia epifania del mistero: per comunicare il Vangelo in un mondo che cambia*. Roma: CLV, 2003. p. 71-88. (Settimana Liturgica Nazionale, 53).

EUSÉBIO DE CESAREIA. A demonstração evangélica. In: CORDEIRO, José de Leão (ed.). *Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

KOBELSKI, Paul J. Carta aos Efésios. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2011.

LUZ, Ulrich. *El evangelio según San Mateo*. Salamanca: Sígueme, 2005. t. 4.

MARTIN, Ralph P. Hinos, fragmentos de hinos, cânticos, cânticos espirituais. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do peregrino*. São Paulo: Paulus, 2011.

SODI, Manlio. Latinitas Liturgica: una pagina esemplare circa il rapporto tra Scrittura ed eucologia. *Latinitas: Series Nova*, Vaticano, n. 1, 2013.

Bandidos, profetas e Messias

Movimentos populares no tempo de Jesus

Richard A. Horsley e John S. Hanson



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro estuda os movimentos populares no tempo de Jesus (banditismo social, pretendentes reais, movimentos messiânicos populares, profetas etc.), lançando novas luzes sobre a realidade social da Palestina do primeiro século.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Junior Vasconcelos do Amaral*



Acesse também o programa Palavra Viva pelo QR code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR  que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM

3 de setembro



Somos todos discípulos do Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Setembro dá início à primavera e é também o mês da Bíblia. Todas as leituras deste domingo recordam o chamado que Deus nos faz, nossa vocação. Todo ser humano é convidado à plenitude da vida, e muitos de nós somos, pelo batismo, chamados a profetizar, quando não a assumir missões específicas, como servir a Igreja no ministério ordenado. Na primeira leitura, o profeta Jeremias, em um clássico texto conhecido por muitos de nós, diz que o Senhor o seduziu a assumir a missão profética. O Evangelho de Mateus põe em relevo o primeiro anúncio da paixão, o seguimento de Jesus e a renúncia necessária para estar com ele. A segunda leitura nos encoraja a nos sacrificarmos – incluindo nosso corpo – de forma santa a Deus. Sacrificar-se é tornar sagrado tudo o que se faz, ao contrário do

que muitas pessoas entendem como sofrer. Deus não quer nosso sofrimento, mas nossa realização.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 20,7-9)

O profeta está totalmente enlaçado por Deus. Embora sofra as consequências de uma prisão, Jeremias não deixa de ser poético e esperançoso. Ele é capaz de perceber, mesmo na dor e no sofrimento, a presença divina. Tal capacidade lança ao povo de Israel lampejos de perseverança, apesar de sua realidade dura e desgastante. O profeta se lança no compromisso com Deus, ainda que seja surpreendido por uma prisão.

A mensagem de Jeremias é clara por sua objetividade e agudeza no estabelecimento da verdadeira fé javista, aquela que gira em torno somente do Deus único, com um desejo fervoroso de combater toda idolatria.

A primeira parte do ministério de Jeremias se insere nos anos de seu chamado (627-626 a.C.) até o período da reforma de Josias, em 621 a.C. Tal reforma foi eclipsada por um retorno sistêmico à idolatria por parte de Joaquim, e o partido egípcio tomou o poder. Mesmo criticado pelo profeta, Joaquim, o rei, não mudou suas atitudes. A última fase da vida de Jeremias se estende desde a primeira queda de

*Pe. Junior Vasconcelos do Amaral é presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte-MG. Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – Belo Horizonte), realizou parte de seu doutorado na modalidade “sanduíche”, estudando Narratologia Bíblica na Université Catholique de Louvain (Bélgica). É professor de Antigo e Novo Testamentos na PUC-Minas e publicou vários artigos sobre o Evangelho de Marcos e a paixão de Jesus em perspectiva narratológica. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br

Jerusalém, em 597 a.C., até sua morte no Egito, logo após a destruição de Jerusalém e Judá, em 587 a.C.

A passagem de Jr 20,7-9 está inserida no chamado “desespero de Jeremias”, que vai até o v. 18 e pertence ao bloco do significado simbólico da vida do profeta, um conjunto narrativo que vai de Jr 18,1 a 20,18. O texto começa com o verbo hebraico *patá*, que significa “seduzir” e é usado para expressar a experiência de uma virgem seduzida por um homem (Ex 22,15). Muito frequentemente, esse verbo pode significar também “iludir”, sendo aplicado aos falsos profetas, no sentido de não serem fiéis a Adonai. “Tu me dominaste” também tem conotação afetiva e sexual (Dt 22,25; 2Sm 13,11; Pr 7,13). O teor amoroso do texto permite formar o sentido de que o profeta estaria verdadeiramente enredado pelo Senhor, o qual envia seu mensageiro para “arrancar e destruir, para construir e plantar” (Jr 1,10). Por essa predileção divina, Jeremias agora deve enfrentar as constantes perseguições e, neste caso, a prisão (Jr 20).

O profeta – em sentido pleno – confessa-se diante dessa situação de sedução. Ele diz ter se tornado causa de zombaria e de riso (v. 7b), mas é corajoso e sempre deve gritar: “violência, opressão” (v. 8). É válido recordar que a atividade profética se baliza pelo verbo *denunciar* – neste caso, para acusar os perversos de toda opressão praticada. Jeremias ainda afirma que a Palavra de Deus se tornou para ele vergonha e gozação todo o dia (v. 8b). Por fim, no v. 9, diz: “Pensei: ‘Nunca mais hei de lembrá-lo, não falo mais em seu nome’”. Contudo, a força divina que o atrai é muito superior, e o profeta, enfim, diz que há em seu coração um fogo devorador. Tenta desistir, mas não é capaz (v. 9).

2. II leitura (Rm 12,1-2)

A carta aos Romanos é considerada a carta magna de Paulo, de sua maturidade pastoral e teológica. Foi destinada a uma

comunidade que o apóstolo não teria fundado por sua obra missionária, mas pela qual tinha apreço, por causa das pessoas que lá residiam. Paulo terá seu fim trágico em Roma, onde será martirizado. A essência da carta aos Romanos é, indubitavelmente, a justificação advinda pela fé. A fé é a base soteriológica para o cristão, que, incorporado à Igreja, corpo de Cristo, se salva, não obstante o apego às obras. Estas corroboram a fé e, portanto, conduzem também à salvação. Por essa razão, nesta seção de Romanos, sobre a vida cristã e os serviços vividos na comunidade, Paulo convida os destinatários de sua carta a viver pela misericórdia, a oferecer o corpo em sacrifício vivo (v. 1). Para ele, essa doação de si, como sacrifício vivo, santo e agradável, corresponde a um verdadeiro culto a Deus. No segundo versículo, em tom parenético, exortativo, convida-os a não se conformarem com este mundo, mas a transformá-lo pela renovação da mentalidade, a fim de que possam discernir o bem do mal.

3. Evangelho (Mt 16,21-27)

Nos sinóticos, encontramos três anúncios em que Jesus mesmo prediz sua morte e ressurreição. Trata-se, para a arte narrativa, de uma *prolepse* (anúncio antecipado do que deve acontecer no futuro próximo; algo que historicamente já aconteceu, mas, na arte narrativa, é situado antes do evento). Essa tradição, ao longo dos Evangelhos, evidencia o queigma fundamental da fé cristã: o anúncio da morte e ressurreição de Jesus, o cumprimento dos desígnios do Pai. Esta passagem, advinda da tradição de Marcos (Mc 8,31-33), é também conhecida como o primeiro anúncio da paixão.

Encravado entre a profissão de fé feita por Pedro, em Cesareia de Filipe (16,13-20), e a transfiguração de Jesus (17,1-9), o texto bíblico deste domingo pode ser dividido em três partes, para melhor compreensão: a *primeira parte*, o v. 21, no qual Jesus mostra aos

discípulos que ele deveria ir a Jerusalém, sofrer muito da parte dos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, morrer e, ao terceiro dia, ressuscitar. Essa parte relaciona Jesus à figura do Servo de Adonai, conhecido na teologia de Isaías como o Servo sofredor (*ebed Adonai*). Marcos, Mateus e Lucas seguem essa teologia do Servo, o Filho de Deus, que entrega sua vida pelo resgate de muitos (Mc 10,45). A *segunda parte*, v. 22-23, evidencia o contrassenso de Pedro de querer ensinar seu próprio Mestre (*didaskaloi*). Jesus coloca Pedro no seu lugar – de discípulo –, dizendo: “Vai para trás de mim, satanás” (paralelo em Mc 8,33). Pedro é desafiado por Jesus a pensar como Deus, a ter os mesmos pensamentos de Deus, não os pensamentos humanos de ostentação, poder e glória. A *terceira parte*, v. 24-27, apresenta um ensinamento, fruto dessa decepção e desapontamento vividos com Pedro. Como clímax da narrativa, Jesus os ensina a segui-lo e a negar a si mesmos, tomando a cruz e seguindo seus passos (v. 24). Para Jesus, quem quiser salvar a própria vida deve perdê-la, em vista do Reino. Essa terceira parte, de ensinamento, contém sentenças que dão sentido à vida do discípulo, seguidor dos passos do Mestre. Sendo fiel, o discípulo receberá do Filho do Homem, figura escatológica, a recompensa pela sua fidelidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Mostrar a relação entre as três leituras, destacando que ser profeta é testemunhar com a vida, com o próprio corpo, a fidelidade a Deus, no caminho do discipulado de Jesus. Recordar que somos profetas para denunciar as injustiças e anunciar o direito e a justiça de Deus. Enfatizar a força do convite de Jesus a Pedro: “Vai para trás de mim”, no qual se evidencia nossa relação de discípulos com o Mestre, embora assumamos na Igreja funções hierárquicas de serviço-poder. Ressaltar que, neste mês da Bíblia, somos convidados a florescer para boas obras, deixando-nos transformar pela mensagem de Deus.



Todo ser humano é digno de perdão

I. INTRODUÇÃO GERAL

Todo ser humano é digno de compaixão. Somos convidados, neste domingo, à prática do perdão, da correção fraterna. A comunidade cristã é casa de clemência e reconciliação. Na primeira leitura, o profeta Ezequiel, chamado a ser sentinela de seu povo, pronto para atender à vontade de Deus, convida-nos a corrigir, com coragem, aquele que se desviou do caminho da justiça e do bem. O Evangelho de Mateus nos catequiza para a vivência da comunhão eclesial, colocando-nos diante da pedagogia libertadora do perdão, da correção fraterna, baseada na ajuda aos pecadores, na solidariedade e na oração em favor dos que se desviam da comunhão da Igreja. A segunda leitura estabelece o amor como o vínculo perfeito de comunhão que nos ajuda a cumprir os mandamentos de Jesus Cristo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 33,7-9)

Ezequiel é um nome teofórico (que contém a palavra ou o nome de Deus), podendo ser traduzido por “Deus há de fortalecer/endurecer”. Trata-se de nome que exprime bem sua missão, assumida aos 26 anos de idade, em 597 a.C., quando foi exilado para a Babilônia a mando de Nabucodonosor, junto com inúmeros outros, conforme testemunha 2Rs 24,14. Em Ez 1,2-3 se afirma que o profeta e sacerdote Ezequiel, filho do sacerdote Buzi, estava em meio aos exilados.

Ele é profeta apocalíptico, capaz de ver se revelar, em tais acontecimentos, o “fim de um tempo”, no qual a glória (*KaVoD*) de Deus acompanha seu povo ao exílio (cf. Ez 1,1-28, primeira visão do profeta).

Ezequiel é como sentinela que espera, ansiosamente, a salvação para Israel, seu povo. Após a palavra do Senhor vir a ele (Ez 33,1) – o filho do homem (*ben Adam*) –, o profeta é chamado a proclamar, dizer a seu povo uma palavra de desgraça: virá a espada contra o povo, que colocará Ezequiel como sentinela a vigiar. Ele é chamado a ser sentinela para a casa de Israel (v. 7). O profeta – *nabi*, em hebraico – é designado também como porta-voz, pois está sempre a escutar (sob a voz de Deus, sob seu *Shemah*). É-lhe solicitado ouvir a voz de Deus e advertir o povo de sua conduta incoerente com a Palavra do Senhor; sobretudo, incoerente com o direito e a justiça (*hesed* e *tsedaqah*).

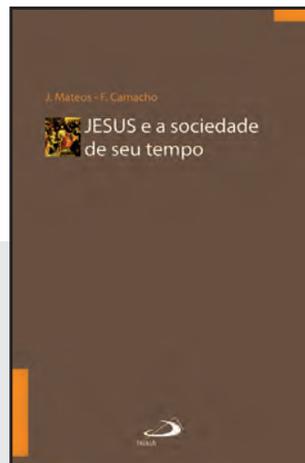
É válido ressaltar que toda atividade profética se resume a anunciar e denunciar: anunciar a justiça de Deus e denunciar o desvio desse projeto de justiça. Nesta seção do livro de Ezequiel, ele é chamado por Deus a invocar sobre Israel, corajosamente, um tempo de desgraça: o exílio da Babilônia.

Nos v. 8 e 9, diz o Senhor ao profeta: “Se eu disser ao ímpio que ele deve morrer, e não lhe falares, advertindo-o a respeito de seu caminho (pode-se ler ‘conduta’), o ímpio morrerá pela sua iniquidade, mas reclamarei de tua mão o seu sangue. Se, porém, tiveres advertido o ímpio a respeito de seu caminho para que o mude, e ele não o mudar, o ímpio morrerá por sua iniquidade, mas tu salvarás tua vida”.

Embora saiba que todo o povo sofrerá com o exílio babilônico, o profeta não pode se esquivar de advertir o ímpio sobre sua conduta injusta. Para o ser humano fiel, o desvio da justiça traz consequências desastrosas do ponto de vista ético, pois a Palavra

Jesus e a sociedade de seu tempo

J. Mateos e F. Camacho



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Escrito em chave secular e em linguagem “desteologizada”, expõe as linhas mestras da mensagem de Jesus, inspirando-se, para isso, sobretudo nos quatro Evangelhos. Sua intenção é abrir às pessoas de nosso tempo o acesso a essa mensagem.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

de Deus nos convida à prática do amor, que é fruto da justiça; logo, desviar-nos do caminho da justiça nos leva à prática do ódio, da falta de compaixão.

2. II leitura (Rm 13,8-10)

O amor aperfeiçoa a lei, o amor justifica nossa vida, assim como a fé, pois evidentemente o amor é o cumprimento de nossa fé em Cristo. Quem diz amar a Cristo se tornou discípulo(a) em toda a sua integralidade, mesmo sob a força da concupiscência, que nos atrai para o pecado. Nessa perspectiva é que Paulo, na passagem deste domingo, convida o discípulo da comunidade eclesial de Roma à perfeita concreção da fé: o amor.

O amor, segundo Paulo, pode ser nossa única dívida: “não fiqueis devendo nada a ninguém, a não ser o amor”, pois o amor é a única forma de aperfeiçoarmos a Lei, a Torá divina, a qual, para os cristãos, está representada em Cristo, que levou a Lei e os Profetas ao pleno cumprimento.

Para o autor, o amor não faz nenhum mal contra o próximo, pois aperfeiçoa a Lei, assim como Cristo, que nos amou até o fim, entregou sua vida para nos salvar. O amor é o vínculo perfeito de união com Deus, bem como o vínculo perfeito entre os seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27).

3. Evangelho (Mt 18,15-20)

No coração do terceiro sermão, da comunidade *Ekklesia* – um dos cinco discursos (cf. Mt 5-7; 11; 13; 18; 24-25) que perfazem o Evangelho de Mateus –, encontramos a narrativa deste domingo, que trata da pedagogia do perdão com base na prática da correção fraterna. Esse sermão eclesial situa-se na segunda parte do Evangelho, que tem como intuito ressoar todo o ensinamento de Jesus, por parábolas e sentenças, bem como por sua prática missionária, levando a comunidade de fé a ser uma extensão do seu messianismo.

A correção fraterna e a oração fazem parte do rol de práticas que nós, cristãos, somos chamados a tornar nossas. A narrativa de Mt 18,15-20 começa com o condicional *se*: “Se teu irmão pecar contra ti, vai e corrige-o, em particular”. Trata-se da possibilidade real de que haja, na comunidade cristã, um litígio, uma rusga nas relações, que deveriam se basear sempre no respeito e no amor. Contudo, pecar é algo a que tanto nós como os outros estamos propensos. A pedagogia do perdão se inicia na intimidade, na correção que ajuda o outro a reconhecer o próprio erro, responsabilizando-se pela volta aos bons princípios da justiça e daquilo que é correto. “Se ele não te ouvir, toma uma ou duas pessoas como testemunhas”: trata-se da ajuda de outras pessoas que façam o pecador tomar consciência de seu delito, daquilo que ele fez e que tem sempre uma consequência social. “Se ele não te ouvir, nem às testemunhas, apresente o caso à Igreja”: ou seja, à comunidade, que tem o múnus de corrigir, de reorientar. “Se à Igreja ele não ouvir, trate-o como um pagão, um publicano”: como alguém que não merece estar em comunhão.

Na comunidade cristã, é o amor que nos une, mas quem não deseja vincular-se pelo amor não deve consumir nossas expectativas e anseios.

O v. 18 pode ser entendido como o nexo fundamental para compreender as duas partes do Evangelho: a prática do perdão e da oração. Tanto o perdão quanto a oração são práticas que nos vinculam aos irmãos e a Deus. A comunidade eclesial é lugar constante da unidade com os irmãos e irmãs e com Deus, que nos criou.

Os dois últimos versículos da narrativa, v. 19-20, tratam da prática da oração, que faz a presença sacramental de Cristo se efetivar: dois ou mais formam comunidade eclesial, os “convocados”, como o termo *ekklesia* sugere em sua etimologia. Se dois estiverem em sintonia e concordarem em pedir alguma coisa,

isso será concedido pelo Pai, origem e fonte de todas as realidades. O último versículo é explicativo-conclusivo: “Pois, onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei no meio deles”. A presença de Cristo efetiva a práxis da Igreja, tanto na reconciliação e no vínculo de amor quanto na oração, que concretiza nossa união com Deus, pois toda oração da Igreja é realizada por Cristo – como na Eucaristia, fonte e cume da ação litúrgica da Igreja, ação de graças do Filho ao Pai, pelo vínculo amoroso do Espírito Santo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Mostrar a relação entre as três leituras, a importância de viver em Igreja, a comunidade discipular de Jesus. Recordar que somos pecadores, mas, ao mesmo tempo, somos convidados à vigilância, assumindo a posição de sentinelas, capazes de ajudar os irmãos e irmãs na prática da justiça e do direito, que fundamentam uma ética cristã. Ressaltar que somos capazes de reconstituir o tecido de nossa convivência fraterna, rasgado pelo pecado. O perdão e a oração são práticas fundamentais, que ultrapassam a mesquinha do julgamento e da condenação.

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM

17 de setembro



O perdão é fruto da compaixão

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nesse domingo, vamos descobrir que perdoar é nos libertar e permitir que o outro seja livre também. Não podemos reter para nós a misericórdia de que o outro necessita, pois também nós dela necessitamos. Na primeira

A comunidade do Discípulo Amado

Raymond E. Brown



216 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O discípulo amado é todo aquele que acolhe Jesus na fé e se compromete no amor com os irmãos. Assim, a verdadeira comunidade do discípulo amado é a Igreja que caminha na verdade do amor.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

leitura, o sábio Eclesiástico – também conhecido como Jesus ben Sirac (o filho de Sirac) – desafia-nos ao bom senso de perdoar, libertando-nos da ira, do furor e da vingança. Esses elementos formam o esquema perverso de quem não tolera nem o limite do outro nem seu próprio pecado, pois acredita ser impecável. O Evangelho de Mateus lembra que, na comunidade cristã, o ato de perdoar deve ser ilimitado, o que metaforicamente se exprime na matemática perfeita dos setenta vezes sete, multiplicação da ilimitada compaixão divina. A segunda leitura, de Romanos, fortalece-nos no caminho da fé, pois nesse caminho somos justificados por Cristo, morto e ressuscitado. Cristo morreu para nos salvar e, ao ressuscitar dos mortos, garantiu-nos a vida futura, resgatando-nos do pecado e libertando-nos para a vida nova, fecundada em sua ressurreição.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 27,33-28,9)

Sirácida, o autor do livro do Eclesiástico, é um sábio do povo de Israel que, no século II a.C., reuniu uma série de reflexões acerca da práxis de vida do sábio – *hackam*, em hebraico. A passagem deste domingo está situada na segunda parte do livro, que corresponde à voz da sabedoria personificada (em forma de pessoa humana). A sabedoria – *hockmah*, em hebraico – corresponde ao próprio modo de Deus agir: ele é o Senhor e autor da Sabedoria (Pr 8,22). Essa sabedoria deve inspirar e conduzir a vida dos homens e mulheres sobre a face da terra. Para a literatura e o movimento sapiencial, ela consiste na oferta de bom senso na convivência diuturna, naquilo de bom e generoso que ofertamos às pessoas.

Vivendo entre os egípcios no século II a.C., Sirácida fala a um público que vive distante da Torá hebraica, mas tem contato com a Bíblia grega – chamada de Septuaginta (LXX) – por estar em um contexto de diáspora (iniciada no século VI a.C., com o

exílio da Babilônia, em 587 a.C.). Esse livro é também conhecido como deuterocanônico, pois foi escrito em língua grega, fora da Palestina, depois da reforma literário-escurística promovida por Esdras e Neemias (aproximadamente 444 a.C.).

Na passagem, o autor trata de três temas fundamentais: a ira, o furor e a vingança. Tais disposições minam a relação entre as pessoas, sobretudo se interferirem na prática do perdão, que corresponde à atitude religiosa iluminada pela misericórdia desejada por Deus ao ser humano. Em Eclo 27,33-28,1, o autor sublinha: “ira e furor são duas coisas execráveis: até o pecador procura dominá-las. Quem quer vingar-se encontrará a vingança do Senhor”. Os desatinos da ira, do furor e da vingança não constroem a comunidade messiânica almejada pelo autor e sábio. Construir uma sociedade pacífica, humanizada, que corresponda ao projeto sapiencial de Deus é corroborar o ideal querido por ele: seu Reino de amor.

2. II leitura (Rm 14,7-9)

Pela fé em Cristo, somos todos justificados, ou seja, salvos (Rm 5,1). Para o apóstolo Paulo, o ato libertador de Cristo, doando-se a Deus por nós na cruz, em sua morte e ressurreição (Rm 8,2), capacitou-nos para vivermos para o Senhor (Rm 6,10-11; Gl 2,19). Isso implica o serviço a Deus em todas as coisas, pela fé. Servimos a Deus e aos irmãos e irmãs: essa é a fundamentação para que sejamos felizes.

Por isso, Paulo afirma que ninguém vive ou morre para si mesmo (v. 7). Há, na vida e na morte de todo cristão, um significado concreto, uma razão, uma finalidade: Deus e o próximo. A vida do cristão está fundamentada na vida do próprio Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos (Mc 10,45).

Cristo, por sua vez, é o *Kyrios*. É a ele que nossa vida está relacionada (1Cor 6,20). Assim, para o cristão, apenas Deus é absoluto. Todos nós, de uma maneira ou de outra, menos ou

mais, somos sempre relativos a Deus, estamos em concreta relação com ele: seja pelo fato de sermos criados à sua semelhança, seja por sermos salvos pelo Filho, seja por estarmos sempre em conexão santificante com o Espírito do Ressuscitado, o Santo Espírito.

3. Evangelho (Mt 18,21-35)

O clássico texto deste domingo, sobre a necessidade de perdoarmos aos nossos irmãos e irmãs, pode ser dividido em duas seções: a primeira parte, v. 21-22, é constituída pela questão apresentada por Pedro a Jesus: “Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?”, e a resposta de Jesus: “Digo-te, não até sete vezes, mas até setenta vezes sete”; a segunda parte, v. 23-35, consiste em uma parábola sobre o Reino dos Céus, que fala de um ajuste de contas entre um rei e seus servos. Essa parábola traz uma conclusão exemplar: “assim vos tratará meu Pai celeste, se cada um não perdoar de coração ao seu irmão” (v. 35).

Importante é salientar que o relato constitui a parte final do capítulo 18 do Evangelho de Mateus. Trata-se de importante relato dentro do *corpus* mateano, pois corresponde ao sermão da comunidade, da Igreja – chamada de *Ekklesia*. Como sabemos, esse Evangelho é formado por cinco discursos: capítulos 5-7, sermão da montanha; capítulo 11, sermão missionário; capítulo 13, sermão das parábolas; capítulo 18, sermão da comunidade; e, por fim, capítulos 24-25, o chamado sermão escatológico. Mateus faz de sua narrativa uma nova Torá, um novo Pentateuco, composto de cinco partes discursivas, nas quais ouvimos Jesus falar como novo Moisés, trilhando os passos do Moisés veterotestamentário. Por isso, Mateus projeta, em seu Evangelho, Jesus indo para o Egito (Mt 2,13) e, tempos depois, tendo de voltar de lá (Mt 2,15). Assim, é do ponto de vista teológico de Jesus como novo Moisés que buscamos compreender a narrativa de Mt 28,21-35.

Na primeira parte, acerca da matemática do perdão, é possível recorrer a Gn 4,24b. Nessa passagem, vê-se um descendente de Adão, Lamec – o primeiro homem bigamo (casado com Ada e Zilá) –, dizendo que seria vingado setenta vezes sete, diferentemente de Caim, que seria vingado sete vezes (Gn 4,15). Tais números não significam literalmente um excesso, mas a totalidade. Desse modo, ao dizer a Pedro que ele deve perdoar setenta vezes sete (em chave contrária ao propósito de vingança contido na narrativa do Gênesis), Jesus afirma que ele deve perdoar sempre, em totalidade e plenitude. O perdão, nesse caso, é fruto da compaixão, de sentir a dor e a falta da outra pessoa.

A parábola que marca a segunda parte do Evangelho deste domingo, segundo Benedict Viviano,¹ desdobra-se em três atos: o primeiro é entre o rei e seus servos; o segundo, entre os próprios servos reais; o terceiro retorna ao rei e seu servo implacável. A parábola ensina, de forma sumária, a necessidade de imitar a misericórdia divina. Ela mostra duas cenas, uma ética e outra antiética, formando uma cena antitética, que não deve ser seguida como exemplar por ninguém. A primeira destaca, no v. 24, que o rei perdoa a um devedor dez mil talentos, literalmente “uma miríade de talentos” – uma quantidade exorbitante. O senhor teve compaixão – em grego, *splachnisteis* (como o revirar das entranhas de uma mulher que está para dar à luz um filho) –, e o que devia foi perdoado porque se prostrou e pediu paciência para que pudesse pagar (v. 26). Porém, ao sair dali, aquele que foi perdoado incomensuravelmente não se mostrou capaz de perdoar a alguém que lhe devia muito pouco, cem denários (v. 28). Agiu de forma contrária e implacável, desprovida de compaixão, incapaz de sentir pelo outro o que havia recebido de alguém a quem devia muitas vezes mais.

¹ VIVIANO, Benedict. O Evangelho segundo Mateus. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 193.

A conclusão, nos v. 32-34, é, de fato, terrível: o empregado implacável é chamado de servo malvado, por ter sido incapaz de sentir compaixão. Como castigo, é entregue aos carrascos, para que pague toda a dívida. O desfecho da parábola é exemplar e enfático: “assim vos tratará meu Pai celeste, se cada um não perdoar de coração a seu irmão”. Esse final admoesta a todos nós a praticar a compaixão, a viver embebidos do amor de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Há uma conexão intrínseca entre as três leituras deste domingo: o perdão, palavra afim ao vocábulo latino *perdonum*, que pode ser traduzido por “dom perfeito”, “dom pleno”, correspondendo a tudo que é doado sem reservas. Afastar-se da ira, do furor e da vingança é fundamental, segundo o Eclesiástico. É também importante recordar que Cristo nos justificou para uma vida nova, que nos foi dada pelo batismo. Assim, torna-se oportuno reafirmar que o perdão é um gesto essencial para o cristão. Somos cristãos à medida que nos identificamos com o modo de ser de Jesus, que neste domingo nos ensina que o perdão não conhece limites. Em suma, somos convidados a perdoar sempre ao nosso próximo, a fim de concretizarmos a experiência do Reino dos Céus.

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM

24 de setembro



O Reino dos Céus é gratuidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

Somos servidores da vinha do Senhor. O Evangelho deste domingo nos apresenta uma parábola na qual Deus – o patrão, o senhor da vinha – faz um convite a cada

um de nós, seus servidores: “Ide também vós para a minha vinha” (Mt 20,4.7). Ser convidado(a) para trabalhar na vinha do Senhor não é privilégio, mas responsabilidade, que nos cabe assumir com humildade e sabedoria. Servir não deve ser entendido como *status*, vaidade, mas, principalmente, como responsabilidade. Na primeira leitura, o profeta Isaías, na segunda parte de seu livro, desafia os exilados – que em breve retornarão para Judá – a permanecerem firmes, não fazendo juízos equivocados da ação divina. Deus não se equivoca, mas seu povo, sim; ele, de sua parte, é bondoso e compassivo. É para tais sentimentos e atitudes que o povo é admoestado a se converter. Na segunda leitura, Paulo convida os filipenses a guardar com fidelidade o Evangelho a eles anunciado. A comunidade mais querida por Paulo escuta sua despedida – sinal de que ele confia nas pessoas que lá vivem e sabe que elas têm a capacidade de ouvir seu testamento em meio às fadigas da prisão, por volta do ano 55 d.C.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 55,6-9)

O Segundo Isaías ou Dêutero-Isaías (Is 40-55) – como é conhecido o profeta que está vivendo no período do cativeiro da Babilônia –, entre os anos de 587 e 537 a.C., já no final desta segunda parte do livro, anuncia uma mensagem de esperança, em vista dos bens futuros reservados ao povo, que deverá retornar a Judá. Com o edito de Ciro, rei da Pérsia, que pôs fim ao exílio, os exilados retornarão felizes para Sião (Esd 1,2-4).

A mensagem de encorajamento do profeta é para que o povo se mantenha firme na esperança, que revigora os corações entristecidos e abatidos. Ele diz: “Buscai o Senhor, enquanto se pode encontrá-lo; invocai-o, enquanto está perto” (v. 6). Seu convite se estende ainda ao malvado, àquele que trilha caminhos de morte, a fim de que mude seus planos, voltando para o Senhor, pleno de compaixão.

Mesmo em meio às provações que o povo vive, o profeta tem, diante dos olhos, a certeza da fé em um Deus compassivo, terno e bondoso, mas, ao mesmo tempo, justo – que exige de todos constante mudança de atitude (arrependimento e conversão).

Os últimos versículos emanam diretamente as palavras de Deus. Diz o texto: “Pois os meus pensamentos não são como os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus caminhos, diz o Senhor. Quanto os céus estão acima da terra, assim estão os meus caminhos acima dos vossos caminhos e meus pensamentos acima dos vossos pensamentos” (v. 8-9). Tanto o caminho – que representa o lugar da práxis da fé – quanto o pensamento – que é a emanção do coração humano em direção ao coração de Deus – traduzem meios para nos ligarmos ao Criador.

2. II leitura (Fl 1,20c-24.27a)

Paulo está no momento de sua despedida da comunidade de Filipos, a primeira por ele fundada em terras europeias, em sua segunda viagem missionária, por volta de 50 d.C. Paulo a considera a “menina dos seus olhos” e transborda de afeto por ela nesta epístola. Ele escreve ao povo filipense desde seu cativeiro, provavelmente em Éfeso, por volta do ano 55 d.C., respondendo à comunidade, que ansiava saber como ele se encontrava física, psíquica e espiritualmente. Paulo, de modo enfático, diz: “Cristo agora será engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte. Para mim, de fato, o viver é Cristo e o morrer, lucro” (v. 20c-21).

Paulo está em meio a uma encruzilhada moral e espiritual: deseja viver, mas, ao mesmo tempo, deseja partir para o encontro de Cristo, seu Senhor, na glória celeste. Ele sabe que, em breve, receberá a coroa do martírio. Contudo, ainda deve permanecer corporalmentemente junto à comunidade (v. 24), amparando-a e sendo para ela um suporte.

Jesus e o império

O Reino de Deus e a
nova desordem mundial

Richard A. Horsley



160 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O autor apresenta fortes argumentos a favor do seu enfoque relacional-contextual, possibilitando uma compreensão mais apropriada do Novo Testamento e de outras evidências disponíveis.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Paulo, no v. 27, em tom parenético, admoesta a comunidade filipense para que permaneça firme em Cristo, ainda que o apóstolo esteja com eles. É preciso que se mantenham num mesmo espírito, lutando juntos, com uma só alma, pela fé no Evangelho. Essa parênese se sustenta sobre o verbo imperativo “comportai-vos” ou “vivei” (em grego, *politeúeste*). Esse verbo, atrelado ao seu complemento – “de maneira digna do Evangelho de Cristo” –, ilumina toda ação apostólica da comunidade, que tem como fim a salvação em Cristo.

3. Evangelho (Mt 20,1-16a)

A parábola deste domingo é contada em Jerusalém. Com efeito, em 19,1 Mateus afirma que, “depois que concluiu essas palavras, Jesus deixou a Galileia e foi para a região da Judeia, do outro lado do Jordão”. O relato em questão começa com uma introdução reveladora: “De fato, o Reino dos Céus é como...”. Trata-se de uma parábola do Reino, que Mateus entende por “dos céus” (*tón ouranón*, em grego), de origem divina, pois os céus são a morada de Deus (Is 66,1). A “parábola dos trabalhadores da vinha”, como é conhecida, ou “dos trabalhadores da undécima hora” – como foi intitulada pela Bíblia Sagrada das Edições CNBB –, conta-nos a história do proprietário da vinha que foi, em vários momentos do dia, contratando trabalhadores. Ele combinou com cada um dos trabalhadores um denário, moeda que correspondia ao salário de um dia de serviço.

Na opinião de Bruce Malina e Richard Rohrbaugh,² o cenário descrito aqui se encaixa “bastante facilmente na experiência de camponeses mediterrâneos”. Estes deviam lutar amargamente para ganhar o salário de um dia, a fim de sobreviverem. Nessa parábola, Jesus compara o Reino dos Céus a um dia de trabalho, no qual um patrão sai a chamar pessoas

bem cedo, à primeira hora, às nove da manhã, ao meio-dia, à tarde e na última hora, como uma entidade patronal. “Temos um dono de casa como um típico patrono mediterrâneo”.³ Para esses autores, trata-se de uma espécie de *sistema de patronagem na Palestina romana*.

Observe-se que ninguém está à procura de trabalho, mas é o patrão que sai de madrugada para escalar trabalhadores. Reiteradas vezes, esse patrão volta à sua função de empregar pessoas para a vinha. Essa imagem retrata um Deus ativo, que sai à procura dos seus, levando-os a se ocuparem de sua vinha, seu Reino. Como retribuição, ele paga a todos, aos primeiros e aos últimos empregados, o mesmo salário, um denário. Ele cumpre o acordo preestabelecido e mostra sua patronagem ao “dar a este último o mesmo que a ti” (v. 14). Portanto, não há pretexto para reclamar de sua justa medida. Os insatisfeitos lançam mau-olhado de inveja contra o patrão, e ele diz: “Por acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou me olhas mal porque estou sendo bom?” (v. 15). Há nesse versículo uma antítese de expressões: olhar mal, ser bom.

Por fim, a parábola nos ensina que o Reino dos Céus é para todos, que, indistintamente, são convidados a participar da vinha, da peleja na lavoura de Deus (1Cor 3,9), do seu Reinado. Deus mesmo paga a cada um por seu trabalho, não segundo nossas conveniências capitalistas e pessoais nem segundo nossa forma de quantificar ou de retribuir. O Reino é de Deus, a dinâmica salvífica (soteriológica) é dele também, e tudo se baseia em sua gratuidade. Para nós, basta nos configurarmos à sua maneira de pensar e de agir e não nos fixarmos em nossas idiosincrasias (obsessões) humanas.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Evidencia-se aqui que as três leituras estão intrinsecamente articuladas. Desde a primeira até o Evangelho, percebe-se o amor de

² MALINA, Bruce; ROHRBAUGH, Richard. *Evangelhos sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 117.

³ *Ibid.*, p. 118.

Deus agindo. Sua ação é desmesuradamente diferente da nossa, seu agir é compassivo, clemente e misericordioso. Deus não age segundo preferências, favoritismos e conveniências humanas, tais como as “panelinhas” que cultivamos em nossas relações, as quais, aliás, podem vir a nos “fritar”. Pelo contrário, ele tem seu modo de pensar e agir e sai escalando a todos para sua lavoura espiritual, o seu Reinado. Basta que estejamos abertos para participar de sua vinha com generosidade, e não reclamando de tudo, até do direito dele de salvar aqueles que chegaram na última hora: lembremo-nos de que estes são tão filhos(as) de Deus quanto nós.

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM

1º de outubro



Feliz é quem diz “sim” a Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos convida a olhar para os desígnios de Deus e confiar em sua vontade. A primeira leitura nos convida a reconhecer que os planos divinos correspondem a uma realidade de caminho reto, aberto para todo ser humano trilhar, a fim de se encontrar com a felicidade eterna, o próprio Deus. Na segunda leitura, observamos a comunidade cristã sendo exortada a vivenciar os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5). Cristo é o Filho amado, que não fez de sua comunhão com Deus um privilégio, mas ofereceu-se a si mesmo na cruz para a salvação do gênero humano. No Evangelho, somos convidados a olhar para o filho que, mesmo dizendo “não” ao convite do pai, se arrepende e muda seu pensamento, aderindo de forma efetiva e afetiva ao projeto do Reino de Deus.

Como ler a carta aos Efésios

O universo inteiro reunido em Cristo

Padre José Bortolini



72 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O leitor encontrará uma introdução básica para começar a entender Efésios e um comentário breve a cada trecho, mostrando continuamente a ligação existente entre o grande hino e as partes menores do texto.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 18,25-28)

Ezequiel é um profeta que vive movido pelo espírito do Senhor. Ele é guardião e porta-voz da aliança estabelecida por Deus com o povo, desde Abraão até Moisés, chegando até o seu tempo. Guardar a aliança – que pode ser comparada aos caminhos de Deus – é indispensável para esse profeta.

Os planos de Deus são comparados por Ezequiel a caminhos. Caminho é sempre a realidade por nós percorrida em direção a algo ou alguém. A profecia acusa aqueles que são considerados insensatos por Deus de dizer que os caminhos do Senhor não são retos. Entretanto, o próprio Deus, em resposta, afirma, convocando seu povo: “Ouvi, ó casa de Israel: é o meu caminho que não é reto, ou são vossos caminhos que não são retos?”

O texto em questão está situado no grande bloco sobre o castigo de Jerusalém. Precede a passagem deste domingo o capítulo 15, no qual o profeta fala sobre Jerusalém, uma vinha inútil, esposa infiel, uma realidade pior que Samaria e Sodoma (Ez 16). No capítulo 17, o profeta utiliza-se da alegoria do cedro para falar sobre o monarca infiel à frente da casa de Judá. E então, no capítulo 18, o profeta coloca-se pessoalmente na trama, dizendo, já no v. 1: “Veio a mim a Palavra do Senhor: ‘Que provérbio é este que andais repetindo na terra de Israel: Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados?’” O profeta, de sua parte, propõe-se decididamente a não mais repetir esse provérbio, pois, nas palavras do Senhor: “todas as vidas me pertencem. Tanto a vida do pai como a vida do filho me pertencem. Quem pecar é que morrerá” (Ez 18,4).

Ezequiel está decidido a combater a falsa ideia de castigo, que consolidou a imagem de um Deus castigador. Na verdade, o AT traz essa abordagem sobre o castigo porque era a única forma de entender as consequências do pecado, a corresponsabilidade sobre

tudo aquilo que a pessoa decide realizar. Para toda causa há consequências. Desse modo, entendia-se que quem pecasse contra Deus ou contra alguém era merecedor de castigo, quando a verdade é que todo aquele que peca sofre as consequências de seu pecado, seja durante a vida, seja no juízo escatológico de Deus. Essa noção de causa e consequência pode ser vista no v. 26, central desse texto. Quando um ímpio se arrepende, o profeta diz: ele “conservará sua própria vida”. Assim, a noção de pecado é sempre destrutiva. O pecado nos arrasta para a animalização, para a não noção de consciência. O v. 28 conclui enfaticamente: “Reconsiderando e arrependendo-se de todos os crimes que cometeu, ele certamente viverá, não morrerá”.

2. II leitura (Fl 2,1-11)

Na passagem, encontramos duas seções: uma pequena seção narrativa (v. 1-5) e, em seguida, um hino (v. 6-11), bastante conhecido de todos, sobre a *kenose* do Filho, Jesus Cristo: seu esvaziamento da condição divina, quando de sua encarnação na condição humana.

Na parte narrativa (v. 1-5), Paulo convida a comunidade a olhar para Cristo e ter, a partir de então, os mesmos sentimentos de Cristo (v. 5). Este versículo corresponde ao clímax da narrativa. O conjunto constitui uma espécie de interrogação sobre o conforto espiritual, a consolação e o amor a partir de Cristo. O apóstolo convida o povo de Filipos a completar sua alegria, pedindo-lhes que se mantenham unidos, conservando os ensinamentos que ele dirigiu à comunidade. Ele é o mestre espiritual dos filipenses. Segue admoestando-os a viver a vida cristã, plantada na comunidade com a semente do Evangelho, que caiu no coração dos cristãos daquela Igreja particular.

A segunda parte (v. 6-11) consiste no hino acerca da *kenose* filial de Jesus. Ele, existindo em forma divina, não fez do seu ser igual a Deus uma usurpação, um prêmio, um privilégio, mas

esvaziou-se a si mesmo, fazendo-se homem, pobre, e tendo como fim a morte de cruz, a humilhação total (v. 8). Por isso, Deus o exaltou acima de todos (v. 9), concedendo-lhe um nome acima de outros nomes.

Tal cristologia de Paulo na carta aos Filipenses, em forma de hino, constitui um convite a todo cristão a olhar para Cristo e ver nele o esvaziamento de Deus, a presença onipotente de Deus, que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). O fazer-se um de nós permitiu a Cristo experimentar nossas dores, exceto o pecado, e abrir-nos o caminho irrestrito para Deus como Pontífice Eterno, que nos chama à comunhão definitiva com o Pai.

3. Evangelho (Mt 21,28-32)

Logo após a narrativa da purificação do templo (Mt 21,12-16), em Jerusalém, e a da maldição da figueira, símbolo da religião estéril de Israel (Mt 21,18-22), Jesus volta ao templo (Mt 21,23) e lá começa a ensinar. É nesse conjunto, conhecido como *didaskalia* (o ensino de Jesus nos sinóticos) em Jerusalém, que se encontra a narrativa deste domingo.

No episódio, Jesus conta a parábola dos dois filhos. Um pai tinha dois filhos e se dirigiu ao primeiro, dizendo-lhe: “Filho, vai trabalhar na minha vinha!” Há, certamente, uma conexão estreita entre a vinha nessa parábola e a de Mt 20,2, dos trabalhadores contratados para o serviço na vinha. O Reino pode ser comparado a uma vinha, como era conhecido o povo de Israel, que deveria formar um reino, uma vinha, para produzir bons e saborosos frutos. Cada ser humano é convidado a participar da vinha, do cultivo diuturno dessa realidade que é plantada com as mãos, símbolos da construção, da sinergia de todos e todas.

No Evangelho proposto pela Igreja neste domingo, a resposta do primeiro filho foi: “Não quero”. No entanto, ele depois se arrependeu e, compreendendo sua importante participação no cultivo da vinha, atendeu

o seu pai. Este continuou e se dirigiu ao segundo filho, dizendo-lhe a mesma coisa (v. 30). Esse filho respondeu: “Sim, senhor, eu vou”; mas não foi. Na parábola, o v. 31 faz então uma interrogação: “Qual dos dois fez a vontade do pai?” Os sumos sacerdotes e os anciãos responderam: “O primeiro”. Então Jesus lhes disse: “Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vão entrar antes de vós no Reino de Deus”. Com efeito, estes são comparados por Jesus ao filho que disse “não” aparentemente, mas depois cumpriu o mandato do pai. Do mesmo modo, seus interlocutores, os sumos sacerdotes e anciãos, podem se comparar ao filho que disse “sim” prontamente, mas não o pôs em prática.

No v. 32, Jesus propõe a resposta à interrogação do versículo anterior, dizendo que seu predecessor, João, veio num caminho de justiça e não acreditaram nele, porém os publicanos e as prostitutas creram – eles que eram considerados os piores na sociedade. Jesus conclui enfática e decididamente: “Vós, no entanto, mesmo vendo isso, não vos arrependestes para crerdes nele”. Se não creram no Batista, é pouco provável que crerão em Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Evidencia-se, nas leituras deste domingo, um fio condutor: o chamado ao ser humano crente a realizar a vontade de Deus, acreditando sempre na bondade do Criador, que não nos criou para a infelicidade, mas para a alegria, neste mundo e no mundo vindouro, de seu Reino. Jesus Cristo, o Filho de Deus, tornando-se homem, não fazendo do seu ser igual a Deus uma usurpação, abriu o caminho de santificação para todos nós, que nele cremos e por ele dizemos “Abbá”, Pai. Contudo, por um lado, dizer “sim” a Deus não é tarefa fácil e simples, pois exige abdicção de nossos projetos pessoais e mesquinhos; por outro, dizer “não” ao seu projeto é sair do caminho que nos leva à felicidade eterna, à glória de contemplarmos a Deus face a face.



Somos “frutos bons” na vinha do Senhor!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste domingo a liturgia nos convida à genuína conversão, a fim de que possamos produzir frutos para o Reino, a vinha do Senhor. O Evangelho, em forma de parábola – gênero literário muito utilizado por Jesus –, impele-nos a refletir sobre nosso próprio destino na história da salvação. Jesus é o Filho do proprietário da vinha, Filho daquele que a plantou com muito amor. Contudo, os agricultores, o povo de Israel, não quiseram compartilhar da salvação que o Filho lhes veio oferecer. Essa vinha nova, agora, é a Igreja, que oferece o Filho de Deus ao mundo inteiro, a todas as pessoas que desejam a salvação. A primeira leitura, de Isaías – profeta da realidade esperançosa –, motiva-nos a contemplar Israel como a vinha do Senhor, plantada com amor neste mundo. Essa vinha, porém, recusou-se a dar frutos bons e saudáveis; ao contrário, ofereceu frutos ruins, fétidos, a Deus. Israel será deportado para a Babilônia: essa é a consequência teológica para sua recusa em oferecer frutos de justiça ao mundo e a Deus. A segunda leitura exorta a comunidade eclesial de Filipos e a todos nós, hoje, a viver na concórdia (união de corações) e na alegria – dons do Espírito Santo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 5,1-7)

Com uma linguagem figurada, a primeira leitura nos apresenta o cântico de alguém para seu amado, o cântico de um amigo

seu, sobre sua vinha. O amado é Deus; sua vinha é Israel; seu povo e esse amigo são os ouvintes e leitores de ontem e de hoje do profeta Isaías. Isaías de Jerusalém viveu aproximadamente por volta dos anos 700 a.C. Era filho de Amós e estava fortemente ligado às tradições teológicas do Reino do Sul (Judá), sobretudo àquelas de influência davídica (da dinastia de Davi).

O livro de Isaías está dividido em três partes: o Proto-Isaías (Is 1-39), o Dêutero-Isaías (Is 40-55) e o Trito-Isaías (Is 56-66). Respectivamente, essas partes são expressões literárias do período pré-exílico (invasão dos assírios), exílico (deportação para a Babilônia e vivência no exílio) e pós-exílico (restauração do povo).

A passagem deste domingo está inserida no Proto-Isaías, nos oráculos ligados ao reinado de Acáz (que governou no período de 732-716 a.C.). O cântico é uma parábola que retrata um amor não correspondido: contrasta o cuidado excessivo por parte de Deus-Adonai e a resposta pecaminosa por parte de seu povo – uma espécie de amada que não está apta a amar à altura desse amor.

O termo “amado”, em hebraico *Yadid* ou *dôd*, é frequentemente encontrado no livro do Cântico dos Cânticos. Isaías está falando de Adonai, o amado, que infelizmente é traído por seu povo. Ele devotou cuidado e carinho ao seu povo (v. 2), removeu pedras, plantou na vinha cepas escolhidas, edificou uma torre, cavou um lagar. Esperou frutos bons, mas vieram uvas podres (termo que, em hebraico, se relaciona ao verbo “feder”). Essa parábola leva todos os moradores de Jerusalém a emitir um juízo (v. 3). Em contrapartida, os v. 5-6 descrevem aquilo que o locutor da parábola (o próprio Deus) deverá fazer. Esses versículos mostram a futura devastação que espera a nação, certamente antevendo os trágicos momentos do exílio na Babilônia, no qual essa vinha não conseguirá gerar frutos, pois estará fora de seu terreno, de seu *habitat* natural.

2. II leitura (Fl 4,6-9)

Paulo exorta a comunidade de Filipos a viver a concórdia (união de corações) e a alegria. Ele inicia dizendo aos seus que não se preocupem com nada, mas apresentem a Deus orações e súplicas, acompanhadas de agradecimentos (em grego, *eucharisthós*), pois a paz de Deus guardará o coração e os pensamentos dos membros da comunidade. Paulo admoesta que não haja na comunidade reclamações e que todos colaborem para a harmonia. Cristo é, para os cristãos, o crivo pelo qual todos os sentimentos devem ser ajuizados. Suplica, ainda, no v. 8, que se ocupem em pensar em tudo o que é digno, respeitoso, verdadeiro, justo, puro, amável, virtuoso e louvável – ou seja, pensar em tudo segundo um modelo *crisológico*.

Já no v. 9, o apóstolo conclui que a comunidade de Filipos deve praticar tudo o que dele aprendeu, recebeu e ouviu – o que dele pôde observar. E finaliza dizendo que o Deus da paz estará com a comunidade.

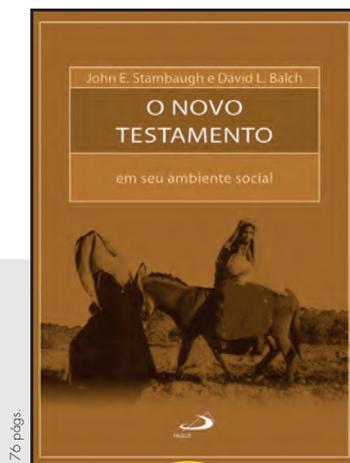
Essa passagem, bem como todo o conjunto dessa afável carta, leva a comunidade cristã a refletir sobre suas atitudes, à luz de Cristo. Cristo é a régua pela qual devem ser medidas todas as nossas atitudes, grandes ou pequenas, tendo por base aquilo que ele nos prescreve – essencialmente, o amor. Este deve ser o epicentro no qual gravitam os cristãos: o amor de Deus, o próprio Deus, porque ele é amor.

3. Evangelho (Mt 21,33-43)

A “parábola dos vinhateiros homicidas”, conhecida também como “dos arrendatários perversos”, apresenta elementos literários e teológicos semelhantes aos do cântico de Isaías, a primeira leitura deste domingo. Ambas as vinhas são plantadas por seu proprietário, que cuida delas com carinho distinto.

O Novo Testamento em seu ambiente social

John E. Stambaugh e David L. Balch



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra sintetiza a recente pesquisa acadêmica sobre os aspectos político, religioso, econômico e social da Palestina e cidades do Império Romano, para ajudar a entender o relacionamento entre os cristãos antigos e o mundo que os cercava.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Há, porém, algumas diferenças entre as duas parábolas. Em Mateus, o dono da vinha a arrenda e viaja para o estrangeiro, enviando seus servos para tratar diretamente com os agricultores. Aqueles são espancados, mortos e apedrejados (v. 35). Por fim, depois de enviar outros, em maior número (v. 36), o dono da vinha envia o próprio filho, que será a vítima fatal dos assassinos que lá estão. Já a parábola de Isaías traduz as consequências nefastas para a própria vinha, Israel. Os que simbolizam a vinha de Israel, que deveriam produzir uvas boas e doces, produzem, pelo contrário, uvas ruins, e por isso essa vinha será arrancada e levada para o exterior, em alusão direta ao exílio na Babilônia.

Ambas as parábolas proclamadas convidam seus ouvintes, os interlocutores de Isaías e de Jesus, a um juízo. No v. 40 se diz: “Pois bem, quando o dono da vinha voltar, que fará com esses agricultores?” Os interlocutores respondem: “Dará triste fim a esses criminosos e arrendará a vinha a outros agricultores, que lhe entregarão os frutos no tempo certo”. Tanto para Isaías quanto para Mateus, em suas teologias, os que sofrem são sempre os mesmos: o povo – e especialmente, no caso de Mateus, também o Filho, que é a cabeça do povo de Deus, sua Igreja, agora o novo Israel.

Para Benedict Viviano,⁴ o termo “proprietário” seria uma palavra predileta de Mateus, usada para designar uma espécie de dono de terras que se ausenta, que viaja para longe. Segundo o exegeta, há uma alusão imprecisa a Is 5,1-7. Contudo, a nosso ver – uma vez que Mateus guarda no seu expediente literário muitas memórias judaicas para sua comunidade, que está em processo de ruptura com o judaísmo formativo dos fariseus –, pôr na boca de Jesus essa parábola, aludindo a Isaías, era algo muito importante

para preservar a experiência e a tradição de que Jesus ressignifica os principais elementos teológicos da ancestralidade judaica, da qual Isaías foi grande contribuidor.

Essa parábola, encontrada, na obra de Mateus, na seção das controvérsias na Judeia e em Jerusalém, pode ser compreendida por nós, seus leitores, como uma alegoria da história da salvação. Os servos enviados são os profetas, que foram hostilizados e mortos pelo povo de Israel, num processo que culminou em Jesus, o Filho. Mencionado no v. 43, o Reino de Deus – matéria teológica que conclui a parábola – poderia significar algo como a posse atual do favor e da proteção divina, dons que, porém, serão retirados e entregues a outro povo. Para Mateus, esse outro povo pode significar, como afirma Viviano, a Igreja, composta primordialmente de judeus crentes, mas também de gentios convertidos. Juntos, ambos os grupos formariam o novo povo, o Israel renovado em Cristo. Essa conclusão é mais branda que na parábola. Como observa Viviano, “os vinhateiros não são assassinados [como o Filho], mas a promessa lhes é tirada”.⁵

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Perceber a ligação literário-teológica entre o profeta do Antigo Testamento – Isaías – e o evangelista Mateus em sua parábola: ambos suscitam em nós a percepção de que Deus “plantou” neste mundo seu povo, a fim de que este possa produzir frutos de justiça e amor. Fomentar nos irmãos e irmãs o desejo de viverem unidos de coração, expurgando a comunidade de toda desunião, desafeição e arbitrariedade. A comunidade cristã é chamada a viver a expressão do amor de Deus: a alegria. Refletir com nossas assembleias sobre se estamos todos empenhados na busca do Reino, gerando frutos de fé, esperança e caridade.

⁴ VIVIANO, op. cit., p. 198.

⁵ Ibid., p. 199.

SOLENIDADE DE
NOSSA SENHORA APARECIDA
12 de outubro



Somos todos filhos de Maria

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje celebramos a solene festa de Nossa Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, e também o dia das crianças. Suplicamos a Deus seus favores e copiosas bênçãos para nossas crianças, futuros homens e mulheres que continuarão neste mundo a missão de edificar o Reino de justiça, amor e paz. Na primeira leitura, do livro de Ester, somos exortados a nos transformarmos todos em intercessores de uns pelos outros. Nossa fé não deve ser um amuleto, mas um instrumento de comunhão e desejo de bem para os outros. Também isso pode ser evidenciado no Evangelho, que nos insere na cena de Caná, das bodas com o noivo Jesus. Ele vem nos conceder o vinho novo da alegria. Quem intercede por nós em nossas carências é sua Mãe, exemplo de intercessora fiel. A segunda leitura traz a imagem de uma mulher que se levanta para destruir o dragão, símbolo do mal. Essa mulher combate as forças perversas que desejam fazer a humanidade sucumbir e é símbolo da Igreja, a qual deve ser mãe e mestra a cuidar de nós e nos guiar.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-7)

Ester, importante personagem bíblica, no livro que carrega seu nome, surge para justificar a origem da importante festa judaica de *Purim*, ou festa da Sorte – “tirar a sorte”, em tradução do hebraico. O cenário desse livro situa-se no período persa (aproximadamente

Conheça a Bíblia

Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin



248 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A intenção do livro é levar ao primeiro contato com a Bíblia, visando despertar o interesse para novas explorações no mundo da Palavra de Deus. A obra cria pontos de referência, evitando o risco de extravio dentro da biblioteca do Povo de Deus.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

350 a.C.). Contudo, muitos estudiosos situam a redação do livro no período conturbado de Antíoco IV Epífanes, por volta do ano 170 a.C.

O livro de Ester narra a trajetória de uma personagem homônima, uma judia que é levada para o reino de Assuero. Ela tem um inimigo dentro do reino, chamado Amã, mas conta com a ajuda de seu primo Mardoqueu. O rei Assuero se encanta com Ester e a torna sua esposa. Ela, no momento certo – o qual se descortina na narrativa desta primeira leitura –, ao entrar nos aposentos do rei, faz-lhe um pedido: que ele conserve sua vida e a vida de seu povo (Est 7,3).

A trama se desenrola sob o clima de traição dos servidores do rei, e este conta com a fidelidade de Ester e de seu primo Mardoqueu. Amã, que havia conseguido deturpar a ideia do rei sobre a influência dos judeus naquelas terras, faz que Assuero decreta o *Purim*, o dia da sorte, para ver o dia da matança dos israelitas. Ester pede que o rei volte atrás em tal decreto, mas ele não pode reeditá-lo. Contudo, ela convencerá o rei a escrever outro decreto, permitindo que seu povo lute duramente, na resistência ao exército persa e medo (da Média). Os judeus, antes do ataque medo-persa, exterminam inúmeros persas e não são mortos, segundo havia decretado anteriormente o rei Assuero.

A trama narrada nesta solenidade começa com a afirmação de que Ester tocou na ponta do cetro real, símbolo de poder. Como Ester tem íntima proximidade com o poder do rei, ela o convence a não deixar o povo judeu perecer pela oposição de Amã e de todo o exército persa.

2. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a)

O capítulo 12 do Apocalipse de São João pode ser considerado o coração desse livro. Nele, a humanidade e a desumanidade contracenam num combate apocalíptico. A mulher é símbolo do que humaniza, do que

traz o Homem-Deus ao mundo, irradiando a todos o poder salvífico. O dragão, em contrapartida, representa tudo o que desumaniza e destrói a humanidade. Personificação do mal, ele é derrotado pela mulher, a qual simboliza também a Igreja, que dá à luz o Cristo no mundo.

No céu aparece um grande sinal: uma mulher vestida de sol – a cor dourada simboliza Deus. Tem a lua debaixo dos pés, simbolizando o mistério daquilo que a ilumina, e, sobre a cabeça, doze estrelas que a coroam, símbolo dos apóstolos que adornam a Igreja, a esposa de Cristo. Ela dá à luz um filho – o próprio Cristo; o dragão, símbolo do mal, quer devorá-lo (v. 5). O filho é um varão com cetro de ferro, lembrando o Messias, o Senhor que vai governar o mundo. O dragão persegue essa mulher. Ele é símbolo do Império Romano, que, no final do século I, sob o domínio do imperador Domiciano, quer destruir a mulher, a Igreja. A mulher está sempre relacionada a Cristo (v. 15). Ela está ligada ao menino, o qual havia sido dado à luz.

Toda a cena confere ao dragão um poder dominador e destrutivo, que, no entanto, não causa danos ou males à mulher. Dela a terra vem em socorro, abrindo a boca e engolindo o rio que o dragão havia vomitado (v. 16). Embora muitas vezes seduzida por aquilo que o dragão é capaz de lhe oferecer, nesse momento a terra se sente responsável por se solidarizar com a mulher, figura que denota fragilidade, mas também vitalidade, pois trouxe seu filho à vida. O filho que tal mulher apresenta ao mundo é Cristo Jesus, aquele e somente aquele que pode salvar a humanidade.

3. Evangelho (Jo 2,1-11)

As bodas de Caná, como é conhecido este Evangelho, correspondem à metáfora da fé inaugural dos discípulos em Jesus. Ela vai da falta ao excesso, do mistério desconhecido

ao conhecido, daquilo que não tem sabor ao vinho melhor. As bodas de Caná simbolizam o cuidado da mãe, que se sensibiliza com seus filhos e filhas. Trata-se de uma metáfora de Maria, que diz: “Eles não têm mais vinho”, exprimindo sua preocupação com a falta de alegria – o significado do vinho. Essa narrativa se encontra na primeira seção do quarto Evangelho e traz o primeiro dos sete sinais narrados pelo grande teólogo João.

Em Caná estavam, como convidados, Jesus, sua mãe e seus discípulos. A mãe de Jesus parece ter proximidade com os “noivos”, que muito pouco aparecem na trama. O noivo, teologicamente dizendo, é o Filho, Jesus. A noiva é a Igreja – e, portanto, também todos nós, que vamos, desde o início do Evangelho de João, buscar descobrir quem é Jesus, para com ele celebrarmos as núpcias, uma relação de proximidade, comunhão e perfeita alegria.

Há um problema na festa: o vinho veio a faltar. O vinho, numa festa, simbolizava a alegria, a comunhão e a festividade de momentos únicos, como um casamento. Era o terceiro dia, a terça-feira, seguindo o costume judaico de se casar e de se dar em casamento. A mãe de Jesus dirige-se a seu Filho, dizendo-lhe: “Eles não têm mais vinho”. O vinho, como os quitutes do casamento, deveria ser calculado, a fim de que não viesse a faltar durante os sete dias de celebração. Jesus, por sua vez, diz: “Senhora, o que tenho a ver com isso? Minha hora ainda não chegou”. A hora é uma temática teológica importante para o quarto Evangelho, traduzindo o momento da *doxa*, a glória de Jesus, que será sua morte e ressurreição, momento verdadeiro de transformação.

A mãe de Jesus pede aos serventes que façam o que seu Filho disser. Jesus, de sua parte, diz: “Enchei as talhas de água”. As talhas, como explica João possivelmente a leitores não judeus nem piedosos, serviam para as abluções – purificações feitas pelos

judeus com o *mikvah*, uma jarra com duas alças usada para tirar a água de uma talha e lavar as mãos até ficarem limpas.

Jesus, assim, ao transformar água em vinho, traz-nos um sinal revelador de exuberância e mistério. Seis talhas simbolizam os dias da criação, que se deixam transformar em dias de alegria, rumo ao sétimo dia, o dia da plenitude.

Os convivas, os noivos e o mestre de cerimônia devem provar desse novo vinho, que os conduzirá à alegria perfeita. Por isso, o mestre de cerimônia prova do vinho – que é a perfeita comunhão com o noivo. Este – que, na verdade, é Jesus – ouve: “Todo mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados, serve o vinho menos bom, mas você guardou o vinho melhor até agora”. Esse vinho novo é o próprio Cristo, que, ao ser experimentado por nós, seus discípulos e discípulas, nos enche de fé. Isso é não apenas um milagre, que fala por si, mas é também um sinal, que indica as realidades que virão: a comunhão perfeita e a alegria, das quais Jesus nos convida a participar.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Somos chamados a compreender o significado libertador das atitudes das mulheres nas leituras. Ester (primeira leitura), a mulher, símbolo da Igreja (segunda leitura), e a mãe de Jesus (Evangelho) demonstram força e cuidado. Elas se preocupam com a vida da humanidade, com o bem-estar social e com a realização de cada ser humano. A força das mulheres na sociedade e na Igreja deve ser mais valorizada. Elas devem ter maior espaço, voz e direitos nas esferas de decisão, de organização e nas frentes de trabalho. A mulher exerce no mundo uma força criativa exuberante. Cabe-nos perceber que a humanidade pode conviver harmoniosamente se todos cooperarmos para assegurar justiça e direitos a cada pessoa.



O Senhor prepara um banquete para o seu povo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Somos convidados ao banquete preparado pelo Senhor – uma mesa farta de esperança e solidariedade que ele mesmo partilha conosco. Contudo, para que haja comunhão perfeita nessa mesa, precisamos todos nos converter e nos arrepender de nossas atitudes: nem sempre somos bons, pois trazemos em nós atitudes más que não correspondem às vestes nupciais que o Senhor, o rei da parábola mateana deste domingo, deseja que vistamos. O banquete escatológico, para Isaías, vem estabelecer nova realidade sobre Sião, o monte santo de Jerusalém. Já para Paulo, viver em Cristo é a condição de possibilidade para conviver com as benesses e os infortúnios do discipulado. Cristo é aquele que providencialmente está junto com o apóstolo nas alegrias e nas adversidades. Desse modo, a liturgia deste domingo nos leva a acreditar no Reinado de Deus como um banquete preparado para todos, no qual Cristo é o alimento perfeito, que nos sacia para a eternidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 25,6-10a)

Essa narrativa é sequência da cena da entronização descrita em Is 24,21-23, na qual se comemora o Reinado divino. Is 24,22 afirma que “serão todos amontoados e presos na cova e encerrados no cárcere, e depois de muitos dias, serão chamados às contas”. Trata-se de um juízo escatológico. Vale lembrar que o profeta Isaías inaugura, a partir do capítulo 24, seu próprio apocalipse;

no capítulo seguinte, afirma que o Senhor dos exércitos prepara, nesse tempo escatológico, um delicioso banquete em seu monte santo. É narrativa que prefigura o advento do Reino.

O banquete revela nova realidade, que antes estava encoberta com um véu que envolvia todos os povos: possivelmente um paralelo com a superfície da Terra encoberta com a morte (Is 26,21). Deus fará desaparecer a morte, tornando explícita a metáfora desse véu, como uma cobertura. O hino dos vv. 8-10 evidencia a entronização de Adonai-Deus e do banquete, que começa em Is 24,23: “a lua ficará vermelha, e o sol envergonhado, pois o Senhor dos exércitos terá estabelecido o seu reino sobre o monte Sião e em Jerusalém, e manifestará a sua glória diante de seus anciãos”. Sobre o monte Sião, Isaías diz: “...repousará a mão do Senhor” (v. 10), concluindo a narrativa sobre o banquete do tempo final.

2. II leitura (Fl 4,12-14.19-20)

O apóstolo Paulo testemunha à comunidade de Filipos que sabe viver bem em todas as situações, sejam elas boas ou más, seja no excesso ou na falta. O apóstolo confia na Providência divina, pois afirma: “Tudo posso naquele que me fortalece” (v. 13). Sente-se grato, pois os filipenses compartilham suas dificuldades, sendo solidários com ele. Paulo confia na Providência de Deus, que fará tudo por aqueles que estão passando por dificuldades. Essa passagem de Filipenses está inserida no fim da carta, na parte em que Paulo está agradecendo a todos aqueles que com ele foram bons. Toda ação divina, porém, no seu entender, será realizada por causa de Cristo. Ele estabelece ainda uma cristologia na qual Cristo é o Mediador de toda graça necessária para sua vida (v. 19). Termina o testemunho com breve doxologia: “Ao nosso Deus e Pai, a glória pelos séculos dos séculos. Amém” (v. 20).

3. Evangelho (Mt 22,1-14)

A parábola sobre o banquete de casamento prefigura, alegoricamente, o que acontecerá no futuro apocalíptico, segundo Mateus e sua perspectiva teológica. Trata-se de narrativa de cunho escatológico que visa responder aos anseios e questões sobre como será o futuro reservado para os fiéis e para os infiéis – incertezas que ficam pululando no inconsciente coletivo judaico e nas inquietudes humanas.

Essa parábola é dirigida aos oponentes de Jesus da elite hierosolimitana (de Jerusalém). Tal consideração pode ser averiguada em Mt 21,23, na qual se diz que Jesus foi ao templo, e os sumos sacerdotes e anciãos do povo dirigiram-se a ele, enquanto ensinava, e perguntaram: “Quem te deu tal autoridade?” Em seguida, em Mt 22,1, lê-se: “Jesus tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo: ‘O Reino dos Céus é como [semelhante]...’”.

A parábola, dessa forma, faz parte de um longo conjunto de outras parábolas que explicam a escatologia, o fim e as realidades finais. Para os autores Bruce Malina e Richard Rohrbaugh, trata-se de um “cenário da vida na teocracia futura: como uma festa de casamento”.⁶

Para esses exegetas, o cenário descreve os acontecimentos associados a um matrimônio régio (monárquico) em uma cidade régia (*basileia*, que pode ser traduzida por “reinado”). Um duplo convite é emitido nos v.3-4, presumivelmente para outras cidades (v. 7). Esse convite duplo está testemunhado em um papiro antigo do Evangelho de Mateus, o qual é considerado importante para a narrativa, uma vez que o convite não é então restrito a um povo apenas, mas se estende a outros. Isso corrobora a ideia de que a salvação que Deus oferece por meio da imagem do banquete de casamento não exclui outras pessoas, mas, pelo contrário, as inclui.

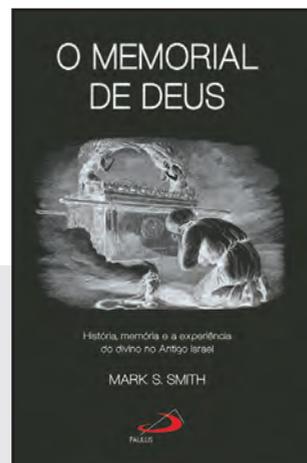
Tanto no v. 3 quanto no v. 5, encontramos as recusas ao convite para a festa de casamento. As desculpas são triviais: viagem para o campo,

⁶ MALINA; ROHRBAUGH, op. cit., p. 127.

O memorial de Deus

História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel

Mark S. Smith



264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

“A obra trata da complexa e fascinante história evolutiva da tradição e das crenças do Antigo Israel. Deve ser uma leitura obrigatória para todos, leitores gerais e especialistas, que desejam entender como a memória coletiva e a amnésia trabalharam juntas para produzir o monoteísmo que se tornou o sinal de qualidade da escritura hebraica.” (Carol Meyers, Universidade Duke)

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

cuidado dos negócios; por fim, outros convidados agarraram os servos e os mataram. Esses últimos são os assassinos, que recusam, veementemente e agressivamente, o convite para a festa. As desculpas “são uma forma mediterrânea indireta, mas tradicional, de mostrar desaprovação, da parte da elite que fora convidada, quanto aos preparativos para o jantar”.⁷ O fato, porém, de assassinar um servo do rei é caso de desonra. A satisfação régia exigiria algo como o descrito no v. 7: “O rei ficou irado e mandou suas tropas matarem aqueles assassinos e incendiar a cidade deles”. No fim, os bons pagam pelos maus!

A questão sobre o assassinato de servos e pessoas de prestígio não é incomum na narrativa de Mateus. Aqui, lembramo-nos da parábola anterior a essa, Mt 21,33-43, acerca dos agricultores assassinos.

No bloco seguinte, v. 8-10, agora a não elite é convidada. Tanto os pobres quanto os bons e os maus foram convidados, e a sala de casamento ficou repleta deles. No próximo bloco, v. 11-14, ao entrar no recinto, o rei percebeu que um dos convidados da não elite estava desprovido do traje de festa. As roupas foram anteriormente providenciadas para eles, mas isso envergonhou o convidado. Este, indagado pelo rei – “Amigo, como entraste aqui sem o traje para o casamento?” –, ficou calado. O resultado previsível é que ele, impropriamente vestido, é envergonhado ao ser lançado fora pelos servidores. A parábola conclui com a máxima moral: “Com efeito, muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”.

A veste nupcial (v. 11) corresponde a uma vida convertida, que os maus, convidados no v. 10, devem agora assumir e vestir. Os pecadores são convidados, e o que o rei (imagem de Deus) espera é que se arrependam. A conduta ríspida descrita no v. 13 se encaixa no padrão da história da salvação, mas não parece se coadunar com a linha narrativa, embora festas grandes exijam a expulsão de penetras e arruaceiros.

⁷ Ibid., p. 128.

O v. 14 pode enfatizar que, na comunidade de Mateus, há uma distinção entre o chamado inicial para a salvação e a eleição e perseverança finais – estas não são automáticas, como atesta Benedict Viviano.⁸

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nesta liturgia, somos convidados a crer na providência de Deus e refletir que o Reinado de Deus não exclui ninguém. Contudo, para que dele participemos, é indispensável que nos arrependamos de nossos pecados e convertamos o coração, deixando as condutas que não formam comunhão nem geram caridade. Cumpre mostrar que a ação de Deus é futura, mas demanda de nós uma participação atual, no aqui e agora da história. Somos participantes do Reinado e do banquete celestial, prefigurado na Eucaristia que celebramos, formando comunidade, ouvindo a Palavra de Deus e tornando-nos corpo de Cristo, para alimentar a fome do mundo e de todos os que nele habitam.

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM

22 de outubro



Dai a Deus o que é de Deus: tudo é dele

I. INTRODUÇÃO GERAL

Somos todos filhos e filhas de Deus, criados à sua imagem e semelhança, como nos atesta Gn 1,26. Portanto, somos chamados à comunhão com ele: tudo é dele, e nós também somos seus. Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus constitui tarefa muito importante: discernir o que é de Deus e o que é do mundo, criado por Deus e

⁸ VIVIANO, op. cit., p. 199.

governado pelos seres humanos. O Evangelho deste domingo nos comunica a necessidade de discernir a complexa forma de viver neste mundo, com mansidão, fé e coragem, a fim de realizar a vontade divina, não a nossa. Na primeira leitura, o profeta Isaías anima seu povo a não perder a paciência diante dos conflitos vividos no exílio, mas confiar que Deus suscitará um líder para salvá-los. Esse líder é Ciro, o rei da Pérsia, que convocará o povo a voltar da Babilônia para a terra de Judá com a missão de ressignificar sua cultura e sua história, sua memória e sua fé. A segunda leitura, início da primeira carta aos Tessalonicenses, o primeiro livro neotestamentário escrito, suscita o desejo comunitário de viver a fidelidade inicial, aquela semeada por Paulo no coração das pessoas por ocasião da fundação da comunidade eclesial. Os tessalonicenses são chamados por Paulo a aguardar, com serenidade, a vinda do Senhor, sua parúsia, vivendo a cada dia o bem comum e o amor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 45,1.4-6)

O texto de Isaías proclamado neste domingo está inserido na segunda parte da obra desse grande profeta, o conhecido “livro da consolação”. Sua essência é animar os exilados de Judá nas terras da Babilônia. A passagem evoca uma comunicação de Deus a Ciro, rei da Pérsia, que tomou o poder em 537 a.C., pondo fim aos horrores do Império Babilônico. Desse modo, o povo de Israel foi libertado do cativeiro e todos foram convidados a retornar para Judá e Jerusalém (Esd 1,1-11). Ciro é comparado a um verdadeiro messias do povo. Deus mesmo o proclama ungido (v. 1). Esse texto faz-nos recordar tanto o Sl 2 quanto o Sl 110, que retratam a investidura do rei. “Ungido”, em hebraico, é *Massiah*, Messias.

O profeta diz, como porta-voz de Deus, que o Senhor tomou Ciro com sua mão direita a fim de lhe submeter as nações. Desse

O novo humanismo

Paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães, Claudemir Francisco Alves, Robson Savio Reis Souza, Adriana Maria Brandão Penzim (orgs.)



640 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Este livro nasce da esperança e supõe existir, no modo de vida defendido pelo papa Francisco, um amplo código de valores existenciais, para constituir novos paradigmas civilizatórios à altura dos desafios enfrentados neste terceiro milênio.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

modo, os reis dessas nações devem se pôr em fuga para abrir, diante de Ciro, as portas; portão algum ficará fechado.

Deus afirma que chamou Ciro por causa de Israel, cativo na Babilônia, mesmo que o rei não o conhecesse como seu Deus. Diz ser o Senhor, Adonai, não existindo outro. No v. 5, Deus mesmo proclama sua unicidade: “não existe Deus além de mim!” Além disso, faz de Ciro seu ungido, um instrumento bom em suas mãos, a fim de libertar seu povo (Jacó/Israel) das mãos de Nabucodonosor e seus sucessores.

2. II leitura (1Ts 1,1-5b)

O apóstolo Paulo com Silvano e Timóteo saúdam a Igreja de Tessalônica, comunidade fundada por Paulo durante sua segunda viagem missionária, por volta do ano 50 d.C. Ele anuncia a Palavra de Deus aos que estão fora do judaísmo. O teor dessa carta é a expectativa da parúsia, a volta do Senhor (1Ts 4,13-5,10). Os fiéis cristãos, esperando a vinda de Cristo, devem viver com serenidade. Esse encontro deve ser esperado com alegria.

O apóstolo se recorda dos tessalonicenses com gratidão em suas orações (v. 2). Recorda a esperança e a concórdia com que essa comunidade tem vivido, não obstante as dificuldades do tempo, sempre à luz da fé. Paulo aborda o tema fundamental da teologia dos antigos, os patriarcas e a eleição à qual essa Igreja foi chamada (v. 4). Para ela, o anúncio de Cristo foi realizado não só como um discurso, um elenco de verdades doutrinárias, mas também como a consumação de uma experiência com o Ressuscitado, Jesus Cristo, em sua Palavra viva e na Eucaristia, celebrada como memória do Senhor no meio deles. O v. 5 ainda destaca a pneumatologia paulina, pois é o Espírito Santo que os faz permanecer firmes para o bem.

3. Evangelho (Mt 22,15-21)

A parábola do domingo passado, sobre o banquete de casamento e o traje de festa (Mt 22,1-14), antecede a passagem deste domingo.

Os fariseus, ao ouvirem Jesus, tramaram entre si como surpreender o Senhor em alguma palavra (v. 15). Assim, o Evangelho deste domingo apresenta as consequências da escuta atenta de Jesus e o discernimento que as pessoas devem fazer sobre ser seu discípulo. As palavras de Jesus incomodam as autoridades judaicas, pois sua *exousia* (poder/autoridade) não vem deste mundo, mas do Pai. A sabedoria com que ensina não é corriqueira, mas excepcional, pois provém de Deus mesmo. Dessa forma, seus ensinamentos provocam uma estupefação tal, que aqueles que se sentem incomodados com ele não farão outra coisa senão persegui-lo.

Uma nova série de oponentes hierosolimitanos tenta armar uma cilada para Jesus. Agora são os fariseus (palavra que, em hebraico, significa “separados”) e os herodianos (partidários a serviço da restauração monárquica de Herodes). A questão que os fariseus e os herodianos trazem a Jesus é antecedida pelo elogio que lhe fazem, expresso no v. 16: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade. Não te deixas influenciar por ninguém, pois não fazes acepção de pessoas”. Esse elogio mouco e sem significação para Jesus, entendido mais como bajulação, não o deixa à vontade.

No v. 17, apresentam a Jesus uma questão típica: “É lícito ou não pagar tributo a César?” O termo “é lícito” corresponde a uma das prescrições da Torá, de sua compreensão como Lei. Tal era a preocupação dos sábios de Israel: saber o que era lícito ou ilícito – uma espécie de juízo de discernimento entre o certo e o errado. Jesus percebe a maldade de seus opositores: “Por que quereis me pôr à prova?” Pedindo-lhes uma moeda do tributo, um denário, Jesus lhes pergunta: “De quem é esta figura e inscrição?” Eles respondem: “De César!” Então, Jesus lhes diz: “O que é de César, devolvi a César; o que é de Deus, a Deus”. Eles ficam admirados com o que ouviram de Jesus e o deixam; vão embora, conforme Mateus afirma no v. 22.

Na inscrição da moeda, usada para pagar tributos ao império, liam-se as seguintes palavras: “Tibério César, Augusto, filho do divino Augusto”. Uma moeda romana em território judaico deixava claro aos herodianos quem detinha o poder. Jesus expõe, com isso, os rasgos no tecido social judaico, dividido pela querela sobre se era ou não lícito pagar impostos a César e ao império. Jesus não diz que sim, mas também não diz que não; somente afirma que, se a moeda pertence a César, então deviam pagar a César o que era dele. E a Deus o que era de Deus. A pergunta subliminar que Jesus impõe aos fariseus e herodianos é se eles pertenciam mais ao império e a César do que a Deus.

A questão apresentada por Jesus leva-nos a perguntar se os fariseus e herodianos estavam a favor de Deus ou do império. Certamente, os fariseus deveriam servir a Lei de Deus, e não o Império Romano; os herodianos, por sua vez, deveriam servir a Herodes e seus propósitos, e não a César. Evidenciando a ruptura política, ideológica e social, Jesus escancara as contradições de uma sociedade a serviço de esquemas políticos e religiosos, e não de Deus. Servir a Deus é fundamental para a concretização de uma sociedade mais justa, fraterna e pacífica, pois ele é amor (1Jo 4,8).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nesta liturgia, somos convidados a destacar que Deus é sempre o Senhor de nossa vida e seu amor é sem fim para conosco; que, mesmo em meio ao caos do tempo presente, Deus suscita personagens que orientam, espiritual e psicologicamente, a vida do povo, acalentando os corações duvidosos e frágeis. Busque-se evidenciar que nem todo elogio significa verdadeiro sentimento por parte de quem o faz, assim como podemos ver no Evangelho (Mt 22,16), e suscitar na comunidade cristã o compromisso de servir a Deus de todo o coração, não fazendo do dinheiro

A face mais íntima de Deus

Renold Blank



208 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Onde se encontra aquilo que é especificamente novo na concepção bíblica de Deus? Esta obra nos chama para voltar, a partir de novas perspectivas, às fontes que nos falam de Deus, para que cada vez mais pessoas se sintam tocadas pela Sua verdadeira face mais íntima.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

ou do poder uma forma de desmonte da fé. Devolver a Deus o que é dele corresponde a nos comprometermos com seu Reinado, já presente no meio de nós, mas aguardado em sua consumação definitiva: “Venha o teu Reino” (Mt 6,10).

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM

29 de outubro



Amarás a Deus e ao teu próximo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Somos hoje desafiados ao mandamento do amor: a Deus e ao próximo. O Evangelho nos convida a tomar em consideração tal mandamento em vista de nossa salvação. O amor é a essência da vida cristã. Um cristão que não ama é como uma árvore estéril à beira do caminho: ela pode produzir sombras, mas não alimenta ninguém. Somos provocados por esta liturgia a pensar sobre nossa vocação cristã: o amor. A primeira leitura nos propõe construir uma ética que possa beneficiar os mais humildes, sejam eles pobres, viúvas, órfãos ou estrangeiros. Não basta sermos bons, precisamos construir a justiça social. Com efeito, poderíamos pensar que o contrário da pobreza existente no mundo não seria a riqueza para todos ou a opulência, mas a justiça social, que beneficia a todos. Paulo nos anima, na segunda leitura, a manter firme nossa fé e nos tornarmos referências de santidade para as pessoas. Nosso testemunho, como o testemunho da comunidade tessalonicense, é fundamental para que outros se convertam ao amor de Deus, abandonando a idolatria. Nosso culto a Deus e o amor aos irmãos e irmãs são os mais belos evangelhos

que podemos ofertar ao mundo, não por palavras, mas por atitudes. Talvez esse seja o único evangelho que muitos possam ler.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 22,20-26)

O livro de Êxodo possui um código importantíssimo para o povo de Deus: o código da Aliança (*Berit*, em hebraico). A Aliança significa um pacto estabelecido entre Deus e as pessoas humanas. Ser fiel é fundamental para preservar a boa relação com o Senhor, que estabelece essa Aliança.

No texto deste domingo, encontramos uma série de prescrições relativas ao estrangeiro, à viúva e ao órfão – figuras sociais veterotestamentárias que representam os excluídos e desprovidos de direitos fundamentais. O pobre também aparece nessa passagem como alguém que deve ser ajudado.

Para essas leis, o importante é restaurar a boa relação entre as pessoas e despertar, nos que têm condições, a preocupação ética com os desprovidos de bens e direitos. O v. 20 diz, de forma categórica e imperativa: “Não maltrates o migrante nem o oprimas, pois vós fostes migrantes na terra do Egito”. Fazer memória dessa opressão vivida no passado é condição de possibilidade de não se tornar um opressor no presente.

O v. 21 destaca a necessária relação de hospitalidade e bondade para com o órfão e a viúva. Se esses humilhados clamarem a Deus, prontamente o Senhor os ouvirá e pedirá justiça pelo mal praticado contra eles. O v. 24 destaca a relação de empréstimo sem usura, sem cobrança de juros. O v. 25 adverte sobre a hipótese de querer efetuar a penhora de algo fundamental para o pobre, como sua túnica, instrumento de proteção. Deus ainda lembra que, se o pobre clamar por ele, fará justiça e será misericordioso.

O conjunto dessas leis nos motiva a pensar a prática de uma ética saudável e socio-transformadora, que não permita considerar

os bens materiais acima do ser humano. O outro, nosso irmão e irmã, é mais importante que os bens que temos; se temos esses bens, cabe nos mostrarmos capazes de partilhá-los.

2. II leitura (1Ts 1,5c-10)

O apóstolo Paulo continua a falar das virtudes colhidas por meio de sua pregação na comunidade de Tessalônica. Tais versículos se dedicam a tratar da fé, virtude teológica primeira, vivida pelos tessalonicenses. Assim, a comunidade, convertida a Cristo por ação do Espírito Santo, tornou-se exemplo para as outras à sua volta. Paulo afirma que os tessalonicenses se tornaram imitadores deles – de Paulo, Silvano e Timóteo –, bem como de outros que lá anunciaram Jesus. Tornaram-se imitadores de Cristo, acolhendo a Palavra como semente que cai em terreno fértil (v. 6). A comunidade confirma os outros irmãos e irmãs com seu testemunho, a todos os fiéis da Macedônia e da Acaia (v. 7). A Palavra por eles anunciada se propagou por essa região; a fé que eles vivem alcançou inúmeros ambientes (v. 8).

Para Paulo, a comunidade fiel de Tessalônica se tornou emblema de conversão do paganismo e da idolatria ao Deus verdadeiro e ao serviço a ele (v. 9). Toda essa virtude colhida pela semeadura da Palavra fará que eles esperem, com perseverança, a vinda de Cristo. Assim, tendo em vista a mesma experiência de Cristo, a ressurreição, é que o povo tessalonicense vive sua fé. A fé em Cristo tornará a comunidade santa (1Ts 4,3), livre das imoralidades.

Esse texto nos faz pensar, contemporaneamente, em nossas comunidades de fé, constituídas de convertidos e convertidas a Cristo. Somos convidados a manifestar os sinais dessa conversão, a fim de que outros também creiam e se convertam.

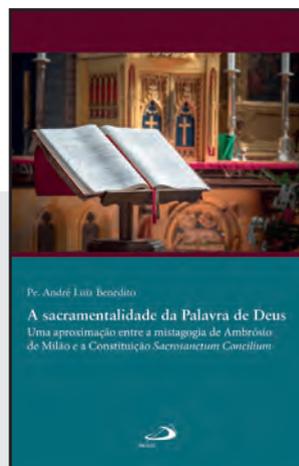
3. Evangelho (Mt 22,34-40)

A passagem deste domingo é sequência narrativa dos domingos precedentes. Trata-se de uma série de controvérsias entre

A sacramentalidade da Palavra de Deus

Uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição *Sacrosanctum Concilium*

Pe. André Luiz Benedito



392 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro deseja fazer uma aproximação entre a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II e as catequeses mistagógicas de Santo Ambrósio de Milão, naquilo que se refere à sacramentalidade da Palavra de Deus.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Jesus e os saduceus, os fariseus e os herodianos, grupos religiosos, sociais e políticos daquele tempo.

A narrativa inicia-se nos v. 34-36: “Quando ouviram que Jesus tinha feito calar os saduceus, os fariseus reuniram-se e um deles, um doutor da Lei, perguntou-lhe, para pô-lo à prova: ‘Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?’” A pergunta é uma cilada imposta a Jesus, para saber realmente o que ele pensava sobre o mandamento da Lei de Deus, se iria relativizá-lo ou absolutizá-lo.

Jesus recorre ao livro do Deuteronômio (Dt 6,5), que oferece as seguintes palavras, proclamadas por Jesus: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento”. Jesus afirma que esse é o maior e o primeiro mandamento; em seguida, acrescenta outro a esse: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, fazendo memória do discurso da montanha (Mt 5,43-44), onde se lê: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus”. Jesus acrescenta ao primeiro e mais importante mandamento um outro, que não é menos (por ser o segundo), mas é igualmente importante.

É preciso lembrar que, para a teologia do Evangelho mateano, Jesus é um novo Moisés que vem propor uma nova Torá. Por isso, a narrativa de Mateus segue os principais eventos vividos pelo povo de Israel, associando-os a Jesus. Por exemplo, o fato de Jesus, ainda recém-nascido, ter de refugiar-se no Egito, para entender a ligação com as palavras: “Do Egito eu chamei o meu filho” (Mt 2,15), presentes na seção narrativa que lembra a fuga para o Egito e a volta do Egito para Nazaré (Mt 2,13-23). Vale recordar, ainda, que, em Mateus, encontramos cinco discursos, a saber: capítulos

5-7; 10; 13; 18; 24-25. Esses cinco grandes discursos nos fazem refletir sobre a nova Torá apresentada por Jesus nesse Evangelho, escrito primordialmente para judeus que estavam experimentando a conversão à fé cristã.

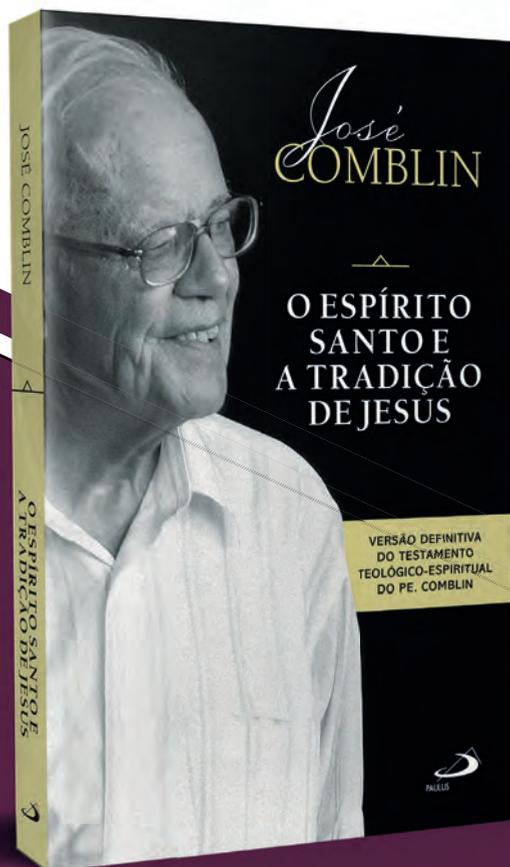
Jesus conclui a perícopa deste domingo aludindo à Lei e aos Profetas: “Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos”. Para Jesus, o Antigo Testamento só tem sentido se entendido à luz do amor a Deus e ao próximo. Amar a Deus é absolutamente importante para um judeu piedoso e para um bom cristão, mas amar o próximo é igualmente indispensável para um cristão genuíno. João apresenta, em sua primeira carta, uma estratégia para que o cristão não se iluda em relação ao amor a Deus nem se extravie do amor ao próximo, pois amar a Deus, que não se pode ver, é fácil, ao passo que amar o próximo, nosso irmão que vemos, é difícil. Assim, João afirma: “Se alguém disser: ‘amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20). Dessa maneira, amar o próximo é condição para afirmarmos nossa fidelidade a Jesus e ao Reino por ele inaugurado. Amar é tarefa para os que se converteram ao amor de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nesta liturgia, o Senhor nos oferece a oportunidade de amá-lo, bem como amar nosso próximo. Com base na Palavra de Deus, propor a criação de uma ética mais abrangente, que possa estimular nossa caridade, sobretudo para com os necessitados, os vulneráveis. Convidar a comunidade a refletir sobre seu papel social e espiritual na construção de uma sociedade mais justa, fraterna, pacífica e capaz de reconstituir relações de paz e harmonia. Estimular cada batizado(a) a assumir sua vocação como Evangelho vivo, pedra fundamental na construção de um mundo melhor.

VP

Versão definitiva do testamento teológico-espiritual do Pe. Comblin.



A obra dirige-se a todas as pessoas que buscam, de alguma forma, transformar a realidade em que vivem.

Publicado após seu falecimento, este livro-testamento de José Comblin procura distinguir, na forma e, sobretudo, no conteúdo, o que pertence ao terreno do Evangelho e o que pertence à tradição religiosa. Ele descreve como, em certo período da história, o afastamento crescente das fontes evangélicas foi alimentado pela substituição destas por uma teologia, a teologia da cristandade, e defende o retorno à inspiração inicial e fundamental, a Tradição de Jesus.

Confira!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS

Você já é assinante da Liturgia Diária?

A **Liturgia Diária** é uma revista mensal que contém toda a caminhada litúrgica da Igreja no Brasil. É colorida, seu uso é intuitivo e ela traz o conteúdo completo de cada missa. Confira:

- **Ritos iniciais:** saudação, ato penitencial, glória e oração do dia;
- **Liturgia da Palavra:** leituras próprias do dia, profissão de fé e oração dos fiéis;
- **Liturgia eucarística:** preparação das oferendas e orações eucarísticas;
- **Rito da comunhão;**
- **Ritos finais:** bênção final;
- **Cânticos** – agora você pode acessar os cânticos da celebração de cada domingo por meio do código QR localizado em sua *Liturgia Diária*;
- **Dias dos santos;**
- **Celebrações especiais** para diversas ocasiões.



Receba no conforto do seu lar!

Assinante da *Liturgia Diária* têm **10% de desconto** nas publicações do nosso catálogo*. Válido em todas as Livrarias PAULUS e em nosso site.

* Exceto importados. Desconto válido para assinaturas vigentes.

E tem mais!

Convide mais pessoas, **assine em grupo** e ganhe ainda mais descontos!

Quer saber mais sobre a **Liturgia Diária**? Acesse o podcast exclusivo com os editores da revista.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!


PAULUS